



Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Comunicação Organizacional

YANDRIA REBBECA ARAUJO DOS REIS

Julgamento e Naturalização:
Representações da Violência no Fantástico

Brasília

2016

Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Comunicação Organizacional

YANDRIA REBBECA ARAUJO DOS REIS

Julgamento e Naturalização:
Representações da Violência no Fantástico

Monografia apresentada à Universidade de Brasília como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Comunicação Social com habilitação em Comunicação Organizacional.

Orientadora: Prof.^a. Dr.^a. Liziane Soares Guazina

Brasília

2016

YANDRIA REBECA ARAUJO DOS REIS

Julgamento e Naturalização:

Representações da Violência no Fantástico

Monografia apresentada à Universidade de Brasília como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Comunicação Social com habilitação em Comunicação Organizacional.

Orientadora: Prof.^a. Dr.^a. Liziane Soares Guazina

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a. Dr.^a. Liziane Soares Guazina

Orientadora

Prof.^a. Dr.^a. Ellis Regina Araújo da Silva

Membro

Prof.^a. Dr.^a. Katia Maria Belisário

Membro

Prof. Dr. Gustavo de Castro e Silva

Suplente

Brasília, ____ de junho de 2016.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família, que me deu todo tipo de suporte durante minha trajetória na Universidade. Em especial, a minha mãe, pelos conselhos amigos e pelo carinho imensurável, que me ajudou em todos os momentos e me guiou até aqui. Agradeço também a minha avó Miralda e às minhas tias Neuza e Nereide, pela ajuda financeira e emocional e pelas palavras de apoio que tanto me incentivaram.

Não poderia esquecer das minhas irmãs, Yasmin e Ysadorah, que, além de serem minhas companheiras e confidentes, me ajudam a lembrar do lado divertido e verdadeiro do mundo. Ao Kaio, amor da vida desde muito tempo, que me ajudou em todos os momentos e acompanhou bem de pertinho minha trajetória cheia de curvas nessa Universidade. Obrigada pelo carinho e por ser o melhor amigo, companheiro e namorado que alguém pode ter.

Aos meus amigos de infância e do Ensino Médio, em especial à Noeme, pelas risadas, pelo carinho, pela compreensão e pelo suporte desde antes do vestibular. Ao Daniel, por ser o melhor amigo e editor de vídeos que alguém pode conhecer.

Agradeço também aos amigos e colegas que conheci na trajetória universitária, em especial à Carol, por tornar as noites na UnB muito mais agradáveis e por dar os melhores conselhos. À Tayrine, por ser a pessoa mais divertida e engraçada e por me ajudar de diversas formas, inclusive durante a elaboração deste trabalho.

À Universidade de Brasília, pela oportunidade de realizar o sonho de ser aluna de Comunicação e por todo o conhecimento que me transformou e mudou minha forma de ver o mundo durante esses quatro anos.

Aos meus professores, em especial à Liziane, minha orientadora nessa jornada e minha maior referência e inspiração na vida acadêmica. Obrigada por compartilhar comigo, desde o primeiro semestre do curso, o seu vasto conhecimento. Agradeço também ao querido Samuca, que além de ser um grande mestre e amigo, me ajudou a desenhar os primeiros traços deste projeto, e às professoras Ellis e Katia, que tão gentilmente aceitaram fazer parte da Banca de Defesa deste trabalho.

À Rosinha Helena, apoio fundamental da Faculdade de Comunicação, por cumprir de forma tão brilhante o seu ofício e por ser uma mulher incrível e maravilhosa.

A todos os meus colegas de trabalho, nas várias empresas por onde passei durante o curso, que me ajudaram a entender a Comunicação de forma mais completa.

RESUMO

O objetivo deste estudo é compreender de que maneira a violência foi representada no programa Fantástico (TV Globo), em 2015. Para tal, analisamos 56 edições do programa, nas quais estavam presentes 56 conteúdos sobre violência urbana. Do ponto de vista teórico, desenvolvemos o trabalho a partir das discussões sobre os diferentes tipos de violência que ocorrem nas sociedades, refletindo sobre o caráter múltiplo deste fenômeno. Além disso, discorremos sobre as técnicas utilizadas para compor o discurso do jornalismo televisivo e sobre os principais conceitos apresentados pela Teoria das Representações Sociais. Do ponto de vista metodológico, o estudo foi realizado em três partes: na primeira, identificamos aspectos relevantes para a discussão sobre a violência e o jornalismo no Brasil. Na segunda, fizemos a revisão da literatura a respeito destas temáticas e selecionamos o objeto de estudo desta pesquisa, assim como a amostra. Por fim, construímos os instrumentos de análise e analisamos os conteúdos escolhidos. Os resultados mostram que a cobertura de violência do Fantástico representa as ideias da violência como um fenômeno inato, centrado no indivíduo e que tem início e fim em si mesmo. Além disso, a maior parte dos conteúdos analisados não estão de acordo com os parâmetros propostos pelos órgãos oficiais que tratam desta temática, como ONU, ANDI e UNESCO.

Palavras-chave: Comunicação. Violência. Representações Sociais. Fantástico. Telejornalismo.

ABSTRACT

The aim of this study is to understand how violence is represented in the television show *Fantástico* (TV Globo). From a theoretical point of view, we developed the work from the discussions on the different types of violence that occur in societies, reflecting on the multiple nature of this phenomenon. Moreover, we deliberate about the techniques used to compose the television journalistic speech and the main concepts presented by the Theory of Social Representations. From a methodological standpoint, the study was conducted in three parts: first, we identified relevant aspects to the discussion about violence and journalism in Brazil. Afterwards, we reviewed the bibliographical references on these themes and selected the object of study, as well as the sample (the material basis upon which this study was developed). Finally, we created the analytical tools and applied them to the chosen content. The results show that the coverage of violence-related stories by *Fantástico* represents the idea of violence as an innate phenomenon, centered on the individual, beginning and ending in itself. In addition to that, most of the analyzed content is not in accordance with the parameters proposed by the international bodies dealing with this issue worldwide, such as UN, UNESCO and ANDI.

Keywords: Communication. Violence. Social Representations. *Fantástico*. Telejournalism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Ficha de Análise sobre agressão física e linchamento	66
Figura 2 - Ficha de Análise sobre álcool e direção.....	69
Figura 3 - Ficha de Ideias sobre arrastão	72
Figura 4 – Mapa de Associação das Ideias sobre arrastão	74
Figura 5 - Ficha de Ideias sobre chacina	76
Figura 6 – Ficha de Ideias sobre favela x cidade grande.....	57
Figura 7 – Mapa de Associação das Ideias sobre favela x cidade grande	80
Figura 8 – Ficha de Ideias sobre homicídios e tentativas de homicídio	82
Figura 9 – Ficha de Ideias sobre latrocínio/tentativa de latrocínio.....	84
Figura 10 – Mapa de Associação das Ideias sobre latrocínio/tentativa de latrocínio.....	86
Figura 11 – Fichas de Ideias sobre políticas públicas de segurança.....	88
Figura 12 – Ficha de Ideias sobre roubo e assalto.....	91
Figura 13 – Ficha de Ideias sobre roubo e violência contra a mulher/feminicídio	94
Figura 14 – Mapa de Associação das Ideias sobre roubo e violência contra a mulher/feminicídio	96
Figura 15 – Ficha de Ideias sobre roubo e violência familiar	98
Figura 16 – Mapa de Associação das Ideias sobre roubo e violência familiar.....	100
Figura 17 – Ficha de Ideias sobre roubo violência policial.....	102

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Distribuição dos conteúdos sobre violência exibidos no Fantástico em 2015.....	59
Gráfico 2 - Divisão por região dos conteúdos sobre violência exibidos no Fantástico em 2015	60
Gráfico 3 - Divisão por estado dos conteúdos sobre violência exibidos no Fantástico em 2015	60
Gráfico 4 - Divisão de conteúdos por gêneros jornalísticos.....	61
Gráfico 5 - Divisão de assuntos por Categorias de Análise	62

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Ficha de Análise dos conteúdos.....	52
Quadro 2 – Ficha de Técnica dos conteúdos	54
Quadro 3 – Quadro de Análise dos conteúdos	57
Quadro 4 – Quadro de Análise sobre agressão física e linchamento.....	67
Quadro 5 – Quadro de Análise sobre álcool e direção	70
Quadro 6 – Quadro de Análise sobre arrastão.....	72
Quadro 7 – Quadro de Ideias sobre chacina	76
Quadro 8 – Quadro de Análise sobre favela x cidade grande	78
Quadro 9 – Quadro de Análise sobre homicídios e tentativas de homicídio.....	82
Quadro 10 – Quadro de Análise sobre latrocínio/tentativa de latrocínio	85
Quadro 11 – Quadro de Ideias sobre políticas públicas de segurança	88
Quadro 12 – Quadro de Ideias sobre roubo e assalto.....	91
Quadro 13 – Quadro de Ideias sobre violência contra a mulher/feminicídio.....	94
Quadro 14 – Quadro de Ideias sobre roubo e violência familiar.....	98
Quadro 15 – Quadro de Ideias sobre roubo violência policial.....	103

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Conteúdos sobre violência encontrados nas edições de 2015 do programa, assim como as respectivas datas em que eles foram exibidos	48
Tabela 2 – Número de conteúdos por Categoria de Análise	51
Tabela 3 – Manchetes e duração das matérias sobre agressão física e linchamento	65
Tabela 4 – Manchetes e duração das matérias sobre álcool e direção.....	68
Tabela 5 – Manchetes e duração das matérias sobre arrastão	71
Tabela 6 – Manchetes e duração das matérias sobre chacina.....	75
Tabela 7 – Manchetes e duração das matérias sobre favela x cidade grande.....	77
Tabela 8 – Manchetes e duração das matérias sobre homicídio/tentativa de homicídio.....	81
Tabela 9 – Manchetes e duração das matérias sobre latrocínio/tentativa de latrocínio.....	83
Tabela 10 – Manchetes e duração das matérias sobre políticas públicas de segurança	87
Tabela 11 – Manchetes e duração das matérias sobre roubo e assalto	89
Tabela 12 – Manchetes e duração das matérias sobre violência contra a mulher/feminicídio	92
Tabela 13 – Manchetes e duração das matérias sobre violência familiar.....	97
Tabela 14 – Manchetes e duração das matérias sobre violência policial.....	101

SUMÁRIO

Introdução.....	12
CAPÍTULO 1 – É Fantástico!	17
1.1 Revista Eletrônica Televisiva	17
1.2 Fantástico: O Show da Vida	18
1.3 A Queda da Audiência.....	22
CAPÍTULO 2 – Mídia e Violência	23
2.1 Múltiplos Sentidos da Violência.....	24
2.2 Violência, Exclusão e Desigualdade.....	26
2.3 Representações Sociais da Violência.....	27
CAPÍTULO 3 – Aspectos teóricos	31
3.1 Breve Contextualização Histórica	32
3.2 Linguagens da Televisão	34
3.3 Definições de Conceitos	37
3.4 Representações Sociais	39
3.4.1 Ancoragem e Objetivação	41
CAPÍTULO 4 – Metodologia.....	44
4.1 Pesquisa Exploratória	45
4.1.2 Pesquisa Bibliográfica.....	46
4.2. Fichas de Análise	46
CAPÍTULO 5 – Análise	57
5.1 Dados Gerais.....	6357
5.2 Análise das Categorias.....	63
5.2.1 Agressão Física/Linchamento	63
5.2.2 Álcool e Direção	67
5.2.3 Arrastão	70

5.2.4 Chacina.....	73
5.2.5 Favela x Cidade Grande	76
5.2.6 Homicídio/Tentativa de Homicídio	79
5.2.7 Latrocínio/Tentativa de Latrocínio	82
5.2.8 Políticas Públicas de Segurança	86
5.2.9 Roubo/Assalto	88
5.2.10 Violência Contra a Mulher/Feminicídio	91
5.2.11 Violência Familiar.....	96
5.2.12 Violência Policial	99
Considerações Finais	103
Referências Bibliográficas.....	106

Introdução

A proposta deste trabalho é analisar como o programa Fantástico, da emissora Rede Globo, aborda a temática da violência urbana e de que forma são construídas as representações deste fenômeno nesta cobertura telejornalística.

Para tal, consideramos que as representações sociais atuam como mediadoras entre o real e o imaginário, tendo duas funções específicas: (1) estabelecer convenções e modelos sobre os objetos do mundo; (2) se impor sobre as culturas e sociedades, sendo passadas de geração em geração (MOSCOVICI, 2007).

Este fenômeno, então, se faz presente em todas as interações humanas e é, de certa forma, uma ferramenta que utilizamos para decodificar as informações às quais somos expostos todos os dias, diminuindo, assim, o estranhamento em relação ao inédito e ao novo.

No que diz respeito à discussão sobre violência, utilizamos principalmente as ideias de Porto (2010) e consideramos que é latente a necessidade de pensar este fenômeno sobre o ponto de vista da inclusão e exclusão, que são categorias integrantes de uma mesma dinâmica social. Além disso, é importante afirmar que a violência é um “fenômeno com contornos que variam de acordo com a época e o ambiente sociocultural” (PORTO, 2010, p. 42).

Refirmando, então, que não é possível discutir sobre esta temática sem promover a reflexão sobre os diversos fatores que compõem os ambientes e os contextos em que os diferentes tipos de violência acontecem.

Deste modo, é inegável que as discussões sobre a violência urbana são de extrema relevância para o desenvolvimento da nossa sociedade, e observar a atuação da mídia neste sentido pode ser uma experiência muito rica, pois os veículos de Comunicação têm papel fundamental na apresentação de ideias e na composição do imaginário social.

A escolha do objeto de estudo, o Fantástico, se deu a partir da percepção de que este é um dos programas mais tradicionais da televisão brasileira e faz parte da grade de programação da Globo há 43 anos ininterruptos, realizando cobertura sobre diversos temas, entre eles, a violência urbana.

A estreia do programa inaugurou o gênero da revista eletrônica na televisão brasileira, trazendo conteúdos que aliavam informação e entretenimento e oferecendo aos telespectadores das noites de domingo reportagens, quadros e espetáculos que tinham como intuito mostrar aquilo que havia de mais inusitado na época.

Com o passar dos anos, o programa seguiu boa parte dos princípios da linha editorial proposta nos primeiros dias de exibição, mas passou a se comprometer de maneira mais clara com a cobertura do factual, tornando-se referência pelas reportagens investigativas, pelos “furos” jornalísticos e pela exclusividade das informações transmitidas.

Desta forma, nossa curiosidade em pesquisar sobre o Fantástico se deu no sentido de entender como essa lógica da representação da violência é estabelecida em programas que são conhecidos por linguagem e formato mais apurados, onde os aspectos do sensacionalismo aparecem de forma secundária.

Nossos esforços se concentraram, então, em desenvolver, um estudo de caso sobre as representações da violência no Fantástico, considerando que esta modalidade de pesquisa “consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos que permita seu amplo e detalhado conhecimento [...]” (GIL, 2010, p. 37).

Neste sentido, reiteramos que o nosso objetivo neste trabalho é entender quais são as principais ideias representadas pelo Fantástico no que diz respeito ao fenômeno da violência, em 2015. Portanto, a pergunta norteadora desta pesquisa é: “De que forma a violência urbana é representada no âmbito do programa Fantástico (TV Globo), em 2015?”

Para responder a tal questionamento, propusemos como objetivo geral identificar de que maneira a violência é representada na cobertura jornalística do programa no período proposto. Para que este objetivo fosse alcançado, propusemos os seguintes objetivos específicos: (1) Identificar quais tipos de violência foram representados na cobertura; (2) Entender qual o tratamento dado às vítimas e aos acusados neste contexto, observando, assim, aspectos que dizem respeito a gênero, raça, escolaridade, nível social, entre outros; (3) Identificar as principais ideias que compõem as representações deste fenômeno a partir da Teoria de Representações Sociais.

Nossa hipótese, ao iniciarmos esta pesquisa, era de que a representação da violência no Fantástico, em 2015, é carregada de simbologias e estereótipos, que ajudam a compor um cenário sobre este fenômeno no imaginário popular, que nem sempre segue os padrões éticos de cobertura sobre este tema, proposto por órgãos oficiais, como Organização das Nações Unidas (ONU), Agência de Notícias dos Direitos da Infância (ANDI) e Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) que discutem sobre a importância de promover coberturas midiáticas considerando aspectos relacionados aos Direitos Humanos.

Para conseguir os resultados deste estudo, observamos de forma sistemática como estes acontecimentos são caracterizados, partindo do pressuposto de que as violências são plurais e

múltiplas e não podem ser consideradas de maneira separada do contexto social (PORTO, 2010).

Por isso, para promover um debate completo e coerente sobre esta temática é preciso considerar aspectos múltiplos, como contextos, relações sociais e fatores ligados à composição do ambiente em que o fato ocorreu.

De acordo com a Pesquisa Brasileira de Mídia 2015, a televisão é o meio de Comunicação mais utilizado no Brasil, e mesmo após o surgimento das novas mídias e a eclosão das mídias sociais, o brasileiro ainda passa um tempo considerável em frente às telinhas e, sendo assim, assistir à televisão ainda é um hábito incorporado à rotina diária das pessoas, que, em geral, realizam esta tarefa sete dias por semana.

Quando questionados sobre as razões de assistir à TV, 79% dos entrevistados que dispunham de televisão em casa responderam que o ligam o aparelho para se informar ou “saber as notícias”. Outros 67% afirmam que o fazem para se divertir ou como entretenimento. 32% dizem que este hábito é utilizado para passar o tempo livre.¹

A pesquisa também mostra que, em todos os estados, há um predomínio do uso da TV aberta. O dado geral indica que 72% dos telespectadores brasileiros têm acesso apenas a este tipo de sinal, o que afirma, ainda mais, a importância de ter como objeto de estudo um programa veiculado no horário nobre em uma das emissoras de TV aberta mais populares do Brasil.

A temática da violência está muito presente no cotidiano da sociedade. Esta presença é reforçada diariamente pela mídia, que veicula notícias relacionadas ao assunto em diversos meios, sejam eles impressos, on-line, radiofônicos ou televisivos. Esta massificação de conteúdos alimenta a construção de um imaginário social relacionado a este assunto, que muitas vezes, tem caráter simplista e determinista, reforçando a ideia de que este é um fenômeno isolado e tornando cada vez mais confusa a diferenciação entre aquilo que é, de fato, a violência e o que é a representação deste fenômeno.

Desta forma, consideramos que os veículos midiáticos

“[...] Transformam o real em espetáculo, produzidos pelos meios de massa. É o que ocorre, por exemplo, com fenômeno da violência, transformado em produto, com amplo poder de venda no mercado de informação e em objeto de consumo, e fazendo com que a ‘realidade’ da violência passe a fazer parte do dia a dia, mesmo daqueles que nunca a confrontaram diretamente enquanto experiência de um processo vivido. A violência passa a ser consumida num movimento dinâmico

¹ Questão permitia múltiplas respostas. Por isso, os resultados somam mais que 100%.

em que o consumo participa também do processo de sua produção, ainda que como representação” (PORTO, 2010, p. 48).

A apresentação desta problemática nos veículos de Comunicação traz inúmeras simbologias e estereótipos dos quais falaremos mais adiante, no capítulo dedicado à análise das matérias do programa Fantástico (TV Globo). Porém, para entender a estrutura, as dimensões e o impacto das representações da violência na mídia, é preciso discutir sobre alguns pressupostos teóricos que envolvem a definição deste fenômeno, como faremos no segundo capítulo deste estudo.

No que diz respeito às estatísticas oficiais sobre as violências no Brasil, o Mapa da Violência 2015 revela que, no período entre 1980 e 2012, mais de 800 mil pessoas foram vítimas de armas de fogo no Brasil. Deste total, cerca de 500 mil tinham entre 15 e 29 anos de idade. Em nível nacional, estes números não são distribuídos proporcionalmente em todas as regiões do Brasil.

Apenas oito Unidades da Federação (UFs) ultrapassam a casa de 30 óbitos por armas de fogo por 100 mil habitantes. São elas: Espírito Santo, Ceará, Bahia, Paraíba, Goiás, Sergipe, Distrito Federal e Alagoas, que é líder do *ranking* com 55 óbitos relacionados a esta causa por 100 mil habitantes. Estes dados não condizem com a representação do Fantástico sobre a violência, completamente centrada no eixo Rio-São Paulo, como veremos no Capítulo de Análise deste trabalho.

Antes de prosseguirmos, no entanto, ressaltamos que esse trabalho é composto por 5 capítulos, além desta Introdução e das Considerações Finais.

O primeiro Capítulo deste trabalho é dedicado à discussão sobre o gênero do qual o Fantástico é produto (a revista eletrônica), a história do programa, que é um dos mais antigos da televisão brasileira, e uma breve discussão sobre a questão da queda da audiência, que assola os veículos de Comunicação televisiva de sinal aberto no Brasil.

O segundo Capítulo foi dedicado à discussão sobre mídia e violência. A partir das ideias de Porto (2010) e considerando que “a mídia não só apresenta os fatos, mas representa a realidade” (CHAMPAGNE apud PORTO, 2010, p. 160), e reafirmando a ideia de que, frequentemente, os veículos de Comunicação propõem soluções simplistas para acontecimentos que têm origens plurais.

Neste momento, nossos esforços se concentraram em entender o que é, de fato, o fenômeno da violência e quais são os aspectos que devem ser considerados para promover uma

discussão mais responsável sobre o tema. Considerando que este não é um fenômeno fixo, e varia de acordo com o espaço e o tempo que ocorre.

Também visamos promover o debate sobre os reflexos sociais das representações promovidas pela mídia, que com frequência transforma o real em espetáculo e atua como juiz, polícia e sensor. Partindo do pressuposto de que entender a forma em que essas violências são representadas é muito mais proveitoso que apenas julgar as representações, classificando-as em boas ou ruins, adequadas ou inadequadas (PORTO, 2010).

No terceiro Capítulo, nos debruçamos sobre o universo teórico que circunda o telejornalismo, considerando a complexidade deste contexto e as principais técnicas utilizadas para compor os produtos telejornalísticos desta natureza.

Desta forma, promovemos uma breve contextualização história sobre o surgimento da TV no mundo e no Brasil, discutindo sobre os fatores que influenciaram as mudanças no telejornalismo ao longo dos anos e mostrando dados da Pesquisa Brasileira de Mídia, que buscam entender de que forma o telespectador de hoje recebe as informações passadas pelos veículos de Comunicação, refletindo sobre a interação entre público e mídia.

Este capítulo também conta com a definição dos conceitos utilizados para compor a Ficha Técnica de análise dos conteúdos. Para tal, nos baseamos nas ideias propostas por Paternosto (1999) em seu manual de telejornalismo, considerado um dos textos mais relevantes para o estudo da área. No fim deste Capítulo, promovemos uma discussão sobre os conceitos apresentados por Moscovici (2007) em sua obra dedicada ao estudo da Teoria das Representações Sociais. Estes esforços se deram com o objetivo de trazer alguns conceitos relevantes para o desenvolvimento deste estudo, que nos ajudaram a chegar às conclusões.

O quarto Capítulo traz as definições metodológicas do estudo, feitas a partir da combinação de métodos e técnicas escolhidos. Neste momento, apresentamos as características básicas de cada método, assim como as informações sobre cada fase desta pesquisa e aplicação das técnicas, explanando sobre suas contribuições gerais para o desenvolvimento desta investigação.

O quinto Capítulo diz respeito à análise dos dados e apresenta os instrumentos utilizados para chegarmos aos resultados esperados. Neste momento, também fizemos a associação das principais ideias relacionadas à violência que compõem o cenário de representação deste fenômeno no Fantástico. As conclusões mostram que as representações da violência neste contexto estão ancoradas nas ideias de naturalização e do julgamento, apresentando as vítimas a partir de um ponto de vista específico, desconsiderando aspectos relacionados aos fatores que compõem o ambiente social em que os fatos ocorreram.

CAPÍTULO 1 – É Fantástico!

Este capítulo tem como objetivo discutir as especificidades do programa Fantástico (TV Globo), considerando o contexto histórico do surgimento deste, assim como as inovações que o gênero telejornalístico revista eletrônica trouxe para a TV brasileira.

Desta forma, no primeiro tópico, discorreremos sobre as especificidades do gênero revista eletrônica e as principais características que norteiam as escolhas editoriais do programa, definindo os critérios de valor notícia.

Em seguida, promoveremos uma discussão sobre o contexto em que o Fantástico foi criado, remetendo, assim, à uma análise histórica deste momento marcante para a comunicação televisiva no Brasil. Neste tópico, também faremos uma breve reflexão sobre a relevância e a credibilidade que este produto tem no contexto da grade de programação da Rede Globo, destacando sua atuação no âmbito do jornalismo e do entretenimento.

O terceiro tópico deste Capítulo, é dedicado à discussão sobre as mudanças e evoluções do programa ao longo dos anos, considerando as questões relacionadas à queda da audiência que assolam os veículos de comunicação televisiva no Brasil.

Para cumprir tais tarefas, utilizaremos como base as obras de Gomes (2011) e Santana (2014) para discutir sobre o histórico do Fantástico o gênero revista eletrônica. Além disso, também proveremos o debate acerca da convergência nos meios de Comunicação, utilizando as ideias de Rocha e Alencar (2011).

1.1 Revista Eletrônica Televisiva

1833 é o ano de fundação do New York Sun, jornal que inaugura um novo modelo de jornalismo, onde a informação passa a ser mais importante que a opinião. Nesta época, os jornais se tornam palco das lutas sociais e de classe e a informação dá os primeiros passos no sentido de se tornar objeto de consumo da sociedade.

Neste sentido, os jornais não estão mais exclusivamente preocupados em informar a população sobre os fatos, mas assumem posições e dão os primeiros sinais no sentido de estabelecer diálogos com seus leitores.

Em 1920, surgem os tabloides e se iniciam os debates sobre o sensacionalismo no âmbito jornalístico. Neste momento, há uma mudança estrutural na forma como os jornais

apresentavam as notícias, as imagens ganham destaque e os textos, muitas vezes, passam a ser redigido em função destas.

No Brasil, em 1928, surge a primeira edição da revista O Cruzeiro (na época, apenas Cruzeiro), que se tornaria muito popular nas décadas de 1940 e 1950. O diferencial deste veículo se deu por vários aspectos, entre eles, as capas marcantes, as fotos de página inteira e a variedade de informação da revista, que contava principalmente com conteúdos relacionados ao entretenimento (cinema, esporte, saúde, culinária, moda, humor, entre outros) e à política.

O sucesso da revista foi motivo de espanto e curiosidade, já que os índices de analfabetismo no Brasil eram muito altos, na época. Porém, isso não impediu que “a publicação se tornou referência de comportamento e moda, incentivando um consumo amparado no entretenimento” (ROCHA, ALENCAR, 2011, p. 52).

O surgimento do gênero revista eletrônica televisiva está diretamente associado a publicação O Cruzeiro, já que “o Fantástico transpôs esse modelo editorial para a televisão e, juntando informação com entretenimento, conseguiu um grande público fiel nas noites de domingo” (ROCHA, ALENCAR, 2011, p. 52).

Neste momento, a indústria do entretenimento começa a interferir no modo de fazer Comunicação, inserindo ainda mais os veículos midiáticos na lógica do consumo capitalista. A revista eletrônica televisiva traz, então, a mistura dos gêneros que dá ao espectador uma ideia de leveza, suavidade e diversão.

O Fantástico, como veremos no tópico a seguir, é considerado o primeiro programa da TV brasileira deste gênero, pois foi criado com a proposta de apresentar muito mais que o factual diário, debruçando-se sobre o universo das investigações, entrevistas exclusivas, entrevistas com personalidades, e também desenvolvendo conteúdos de entretenimento que discutem sobre moda, comportamento, curiosidades, entre outros temas.

1.2 Fantástico: O Show da Vida

Exibido pela primeira vez em 8 de agosto de 1973, Fantástico: o Show da Vida, como era chamado o programa na época, foi idealizado com o objetivo de manter os espectadores “ligados às telinhas” nas noites de domingo, trazendo à TV brasileira um novo formato de jornalismo: a revista eletrônica televisiva.

No início, os critérios de noticiabilidade do programa eram definidos a partir do que seu próprio nome sugere. O objetivo era trazer ao telespectador notícias inusitadas, além de

conteúdos de entretenimento, como shows de humor, teleteatros, musicais, entrevistas e notícias internacionais.

Com estreia marcada um ano após a implementação da TV em cores no Brasil, e em meio ao auge do regime militar no País, o programa sempre utilizou de imagens ricas em detalhes como ferramentas essenciais para contar histórias, e dispunha de duas horas de duração em um dos horários mais nobres da TV brasileira.

A mistura de gêneros jornalísticos e a variedade de temáticas abordadas são características marcantes do programa desde sua primeira edição, já que o Fantástico foi criado com o propósito de apresentar conteúdos de origem factual e de entretenimento, como mencionamos anteriormente, este produto reafirmou a ideia do jornalismo de espetáculo, inaugurada no Brasil a partir do surgimento da revista *O Cruzeiro*, de Chateaubriand de Assis, mas até então inédita no jornalismo de TV.

Um dos programas mais antigos da televisão brasileira, o Fantástico está no ar há 43 anos ininterruptos e foi criado por José Bonifácio de Oliveira, também conhecido como Boni, o então diretor de operações na Globo.

“Em pouco tempo, a revista semanal ganhou projeção nacional e internacional, servindo de espelho para programas similares em países como Espanha e Itália. Em 1979, a emissora italiana RAI, exibiu um programa com o mesmo tipo e formato, sendo logo denunciada pela revista *Eva Express* como plágio da atração da TV Globo” (ROCHA, ALENCAR, 2011, p. 48).

O sucesso do programa logo se refletiu nos índices de audiência do horário, do qual foi líder durante muito tempo. Nos anos seguintes, as outras emissoras brasileiras estrearam programas do mesmo gênero a serem exibidos também nas noites de domingo, com o objetivo de fazer concorrência ao “Show da Vida”.

O contexto político e social do Brasil no período da criação do Fantástico, no entanto, fez com que a cobertura do programa se voltasse mais para o jornalismo internacional e para o entretenimento. Em 1968, foi decretado o Ato Institucional número 5 (AI-5), que simbolizou o auge da ditadura e das restrições à liberdade de expressão no Brasil.

A década de 1970, então, seria marcada pela repressão aos veículos de Comunicação, especialmente à TV, onde o não cumprimento das normas poderia ocasionar caça à concessão pública para a prestação do serviço.

Neste momento, os festivais e teleteatros são tirados da programação e os conteúdos exibidos são submetidos previamente ao crivo dos censores. No caso do Fantástico, a edição do programa que ia ao ar no domingo à noite era “vasculhada” pelos agentes do governo no mesmo dia, pela manhã. Se algo fosse considerado impróprio, deveria ser substituído por outro material. Em geral, a equipe escolhia musicais ou shows de circo para cobrir essas lacunas.

Esta tentativa de driblar o sistema, acabou trazendo alguns benefícios para o desenvolvimento da televisão no Brasil. Neste momento, cresceu o investimento em novas tecnologias e a figura do correspondente internacional ganhou força (assim como a cobertura esportiva e os gêneros de entretenimento, como a telenovela).

Outro aspecto relevante relacionado ao surgimento do Fantástico diz respeito à singularidade das aberturas, que faziam com que os telespectadores esperassem ansiosamente pelas noites de domingo. Além disso, o programa contava com quadros que exibiam conteúdos de diferentes naturezas.

Um exemplo é o quadro “Gols do Fantástico”, que foi ao ar pela primeira vez em 1979 e dispunha da narração de Léo Batista, mostrando os principais jogos de futebol da semana e seus respectivos resultados. Em 2007, houve uma releitura deste quadro, onde Tadeu Schmidt narrava de forma singular os gols da rodada, aliando humor e esporte em uma linguagem que visava agradar a todos os públicos. Esta época também foi marcada pelos famosos Bola Cheia e Bola Murcha, que mostravam os melhores e piores lances de futebol da semana.

Outro quadro que marcou a história do programa foi “A Garota do Fantástico”. Exibido pela primeira em 1984, o concurso de beleza ficou no ar até o ano de 1989. Em 1994, a competição foi ao ar novamente e assim permaneceu até 2000. Em 2008, houve uma releitura deste quadro e o concurso “Menina Fantástica” despertou o interesse das adolescentes de todo o País. Este ano, o programa fará uma nova edição da competição.

No que diz respeito a entretenimento, destacam-se também os quadros “Retrato Falado”, exibido em 2000 e estrelado pela atriz Denise Fraga; “Cilada”, exibido em 2009 estrelado pelo ator Bruno Mazzeo e “Marcelo Adnet Satiriza”, exibido em 2013 como um dos quadros de comemoração dos 40 anos do programa.

Em 2014, a série de quatro episódios “Eu que Amo Tanto”, exibida pelo Fantástico e inspirada no livro da apresentadora Marília Gabriela, mostrou o investimento da TV Globo em teledramaturgia de alta qualidade, indicando também a tentativa da emissora em adentrar o universo das séries de TV.

No que diz respeito à cobertura telejornalística, o Fantástico sempre buscou a inovação dos conteúdos e a sofisticação das imagens. O tamanho da equipe dedicada a este tipo de tarefa

também chama atenção. Em 1977, o time de jornalismo do programa contava com 40 pessoas. Hoje, cerca de 60 profissionais cuidam dos assuntos relacionados à exibição da atração nas noites de domingo na TV e à manutenção do site, onde é possível encontrar todos os conteúdos apresentados pelo programa.

No início, o foco da cobertura jornalística do programa era direcionado para temáticas relacionadas à saúde e à inovação e a linguagem utilizada para tratar destes temas era a mais didática possível, já que o objetivo era levar à população informações sobre descobertas científicas, novas vacinas, doenças raras, entre outros temas.

A ideia do “furo” jornalístico também sempre esteve presente na cobertura do Fantástico. Além da valorização e destaque da figura do repórter, o que nem sempre é considerado positivo, como discutiremos no Capítulo relacionado à análise e nas Conclusões deste trabalho.

Neste sentido, destacam-se três repórteres importantes na trajetória do programa. São eles: Hélio Costa (desenvolveu diversas reportagens sobre ciência, além de conteúdos sobre a vida de Martin Luther King, as atividades do grupo Ku Klux Klan e o movimento *hippie*), Paula Saldanha (conhecida pelas reportagens sobre lugares pouco visitados no Brasil. Em uma viagem ao Pantanal, foi confundida com uma repórter local jurada de morte e precisou recorrer à polícia para garantir a segurança da equipe) e Valmir Salero (conhecido por fazer matérias sobre violência, participa ativamente de alguns conteúdos analisados neste trabalho).

Outro aspecto relevante da cobertura jornalística do programa diz respeito ao caráter de denúncia e investigação de parte dos conteúdos exibidos. Segundo o site Memória Globo², os destaques neste sentido são: uma reportagem, exibida em 1992, que mostrou informações em primeira mão sobre o desaparecimento do pianista brasileiro Francisco Tenório Júnior em Buenos Aires, em 1976; uma denúncia sobre falhas na distribuição do Programa Federal Bolsa Família, em 2004; e um flagrante do “golpe de falso sequestro”, em 2007.

O site também destaca a cobertura da morte de Tancredo Neves, do piloto Ayrton Senna e dos integrantes da banda Mamonas Assassinas. Além dos trabalhos sobre o atentado de 11 de setembro de 2001, da reportagem especial sobre a espionagem americana ao Brasil e, mais recentemente, sobre as execuções de brasileiros na Indonésia.

No que diz respeito às entrevistas, gênero que se destaca na cobertura jornalística do Fantástico, os destaques da Memória Globo são: a entrevista com o então presidente Lula, em 2003; a conversa com Suzane Von Richthofen enquanto ela cumpria a pena em liberdade

² Acesso em 21/03/2016.

condicional, em 2006; o depoimento da jovem Nayara, uma das reféns do Caso Eloá, onde um homem manteve a namorada e a amiga em cárcere privado em São Paulo, em 2008; a entrevista exclusiva com o casal Nardoni, em 2008, após a menina Isabella ser jogada do sexto andar de um prédio em São Paulo; e a entrevista exclusiva com o ex-analista da agência norte-americana de informações, a NSA, Edward Snowden.

1.3 A Queda da Audiência

Desde 2013, o Fantástico vem sofrendo com a queda da audiência. Segundo o Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE), em 2003, a revista eletrônica da Globo aos domingos registrava uma média de 36,3 pontos de audiência na Grande São Paulo. Em 2013, esta média caiu para 19,2 pontos.

Este movimento de queda da audiência assola não só a Rede Globo, mas boa parte dos canais de TV aberta no Brasil. O movimento de chegada das TVs por assinatura no País, assim como o surgimento da *internet*, que ganhou muita força com o estabelecimento das mídias sociais e das ferramentas de comunicação instantânea, são apontados por muitos como possíveis causas deste fenômeno.

Porém, a Pesquisa Brasileira de Mídia de 2015 mostra que, apesar das adversidades, a televisão ainda é o veículo de Comunicação mais utilizado pelos brasileiros, que passam uma quantidade significativa de horas ligados às telinhas.

Os números registrados pelo IBOPE nos últimos anos levaram a equipe a pensar em uma nova roupagem para o Fantástico, trocando por diversas vezes os apresentadores que conduzem o programa e investindo ainda mais em tecnologias relacionadas ao cenário e a captação das imagens.

CAPÍTULO 2 – Mídia e Violência

Este Capítulo tem como objetivo promover o debate e a reflexão sobre os aspectos que contextualizam as definições e as discussões sobre a violência no Brasil. A intenção é atentar para alguns conceitos sociológicos e debater sobre a temática de um ponto de vista amplo, múltiplo e plural.

Desta forma, no primeiro tópico deste Capítulo, promoveremos uma discussão sobre os vários sentidos da violência, enfatizando a necessidade de analisar este fenômeno de uma perspectiva específica e de considerar as particularidades de cada contexto em que ele ocorre.

No segundo momento, nos dedicaremos à reflexão sobre as questões relacionadas à exclusão e à desigualdade social que vigoram no País, em uma tentativa de discutir sobre os aspectos fundamentais para promover uma cobertura jornalística mais democrática sobre este fenômeno.

Por fim, o terceiro tópico é dedicado ao estudo das representações sociais da violência na mídia, considerando que os veículos de Comunicação têm papel fundamental na construção do imaginário social sobre o tema, atuando como produtores de significados e norteadores de condutas.

Para tal, utilizaremos as ideias de Porto (2010), que promove um debate sobre violência a partir dos conceitos de ressignificação, julgamento, contextualização, entre outros. A autora (2010) também considera a complexidade do tema, reconhecendo que a violência é um fenômeno “fragmentado, autonomizado, múltiplo e plural” (PORTO, 2010, p. 19).

Desta forma, para iniciar o debate, reafirmamos a ideia de que estamos inseridos em um contexto social subdividido, onde há uma “ausência de pontos fixos de referência norteadores de conduta, e a inexistência de uma referência unificada do social” (DURKHEIM apud PORTO, 2010, p. 25).

Assumir esta fragmentação é considerar que as sociedades estão sendo modificadas por várias transformações em âmbitos particulares (trabalho, família, escola, igreja, etc.) e, por isso, as múltiplas identidades são construídas e modificadas a todo o momento.

Portanto, as discussões propostas neste capítulo consideram

“[...] A violência como resposta, efeito, consequência, desdobramento, expressão (esperados ou não) de determinadas máximas ou normas oriundas de diferentes esferas institucionais, e tomadas em consideração pelos agentes na organização da vida em sociedade – seja

no sentido de atacá-las, de rejeitá-las ou de contorná-las”. (PORTO, 2010, p. 29)

Trabalhar com esta temática é, de certa forma, um desafio. Pois, além de estar muito presente no cotidiano social e fazer parte do imaginário coletivo, este fenômeno não acontece de maneira isolada e, por isso, ao analisá-lo, não é possível separá-lo do processo de construção e da lógica de funcionamento das diferentes sociedades.

Neste sentido, reafirmamos a importância deste Capítulo para a construção desta pesquisa e para a Análise das Categorias feita posteriormente, considerando que as ideias de Porto (2010) foram fundamentais para este trabalho e nos auxiliaram a identificar os equívocos na cobertura do Fantástico de 2015 e propor novas formas de representação da violência no contexto do programa.

2.1 Múltiplos Sentidos da Violência

Os aspectos relacionados à inclusão e exclusão social são de extrema importância para contextualizar as discussões sobre violência. Porto (2010, p. 40) considera que “os excluídos do direito tornam-se alvos, ou atores, mais imediatos da violência”.

A autora (2010) também argumenta que inclusão e exclusão podem ser categorias complementares e integrantes de uma mesma dinâmica. Isto se dá a partir de um contexto social multifacetado, onde um indivíduo vivencia experiências e contextos diferentes ao longo da vida.

Também é importante entender que um mesmo contexto pode ser considerado inclusivo ou exclusivo, dependendo do ponto de vista daquele que protagoniza o ocorrido. Além disso, devido a pluralidade social em que estamos inseridos, estas realidades podem fazer parte da história de um mesmo indivíduo, simultaneamente.

“Inclusão e exclusão são, aqui, como duas faces de uma mesma moeda. São a expressão de uma fratura do indivíduo impedido de se construir como sujeito. O caráter dinâmico do processo de inclusão/exclusão mostra que indivíduos incluídos em uma dada dimensão da vida social encontram-se excluídos em outras” (PORTO, 2010, p. 95)

Essa relativização dos conceitos é muito importante para o estudo das representações da violência nos veículos de Comunicação, já que, nestes espaços, muitas vezes os contextos das periferias são automaticamente associados às ideias de pobreza e de falta. Enquanto os

contextos de classes média e alta estão relacionados, na maior parte das vezes, à fatura em múltiplos sentidos (como veremos mais adiante, no capítulo dedicado à Análise dos Conteúdos).

Assumir estes pressupostos significa ignorar a complexidade dos contextos sociais, reduzindo-a a uma perspectiva dualista e pautada em uma série de estereótipos que, na maior parte das vezes, não condizem com a realidade e não estão pautados em valores éticos.

Outro aspecto a ser levado em consideração diz respeito ao que é concebido como violência no atual contexto. Para isso, é preciso entender que “são flexíveis e mutantes os contornos do que uma sociedade, segundo determinadas épocas e determinados ambientes socioculturais, nomeia como violência” (PORTO, 2010, p. 42).

No Brasil, estamos vivendo um momento de “ressignificação da violência” (PORTO, 2010, p. 42). Isto indica que algumas práticas que antes eram consideradas legítimas em nossa sociedade, hoje não são mais aceitas. Como exemplo, podemos citar a violência contra a mulher e o feminicídio, que há pouco tempo eram considerados problemas de ordem privada e familiar.

Hoje, há a consciência de que estas temáticas merecem atenção e, por isso, existem leis estabelecidas para tratar especificamente destes assuntos, como a Lei Maria da Penha e a Lei do Feminicídio, das quais trataremos mais adiante no Capítulo de Análise.

Esta reestruturação dos debates sobre violência também abriu caminhos para reflexão sobre outras vertentes, relacionadas às minorias sexuais, ao lugar dos jovens infratores na sociedade, à maioria penal, entre outras temáticas. Hoje, há uma preocupação maior com a reflexão sobre as injustiças e violências que acontecem no País. Este processo de abertura ocorreu em decorrência da “maior visibilidade do fenômeno [da violência], potencializada com o processo de redemocratização (sobretudo a partir de 1985) após um longo período de mais de 20 anos de regime militar” (PORTO, 2010, p. 45).

Desta forma, pode-se dizer que as discussões sobre violência ganham força, à medida que o regime democrático é estabelecido. Isto acontece porque somente nestes contextos é possível enxergar com clareza as injustiças e reivindicar por direitos que antes não eram tidos como legítimos.

Por estes motivos, é preciso ter cautela quanto à afirmação de que o mundo de hoje é mais violento que o de antigamente. Pois, “ainda que o mundo moderno se pense mais violento do que no passado, tal comparação é desprovida de sentido: o que era brutalidade, rudeza, ordem normal da miséria ou da dominação tornou-se insuportável” (MICHAUD apud PORTO, 2010, p. 46).

2.2 Violência, Exclusão e Desigualdade

Contextualização é palavra-chave para se pensar em uma cobertura mais democrática sobre violência. Quando a equipe jornalística de um determinado programa decide falar sobre um fato, é preciso reconhecer que não é possível separar uma comunidade ou bairro de seus contextos geográficos, populacionais, sociais, econômicos, históricos, etc. No mesmo sentido, seria no mínimo equivocada representar um indivíduo sem mencionar o seu contexto social e pessoal, assim como alguns aspectos que compõem a sua história de vida.

Desta forma, consideramos que “[...] a ênfase da mídia, recaindo sobre a violência e o extraordinário, deixa em segundo plano o dia a dia destes espaços, cuja análise da rotina e da observação atenta dos problemas cotidianos poderia ser mais esclarecedores” (PORTO, 2010, p. 162)

Porém, como veremos no Capítulo de Análise deste trabalho que, no contexto do Fantástico, é perceptível que a contextualização é feita de forma mais completa pela equipe do programa quando os fatos que acontecem em bairros de classes média e alta, deixando de lado aspectos importantes que caracterizam e definem a vida e o funcionamento social nas comunidades e nos bairros mais pobres.

Acredita-se que esta “escolha” pode ser pautada em uma eventual naturalização das violências que ocorrem nos contextos menos favorecidos, como veremos mais à frente, no capítulo dedicado à Análise dos Conteúdos.

“O problema é que a imprensa, em vez de combater esse tipo de injustiça, segue a mesma linha. Para ela, a dor do rico é mais sentida, a lágrima do rico chama mais a atenção. [...] Se a gente concentra a cobertura na defesa dos privilegiados, a tendência é que a opinião pública fique com uma visão deformada” (BARCELOS apud UNESCO, 2006, p. 26).

A discussão sobre violência, porém, não está pautada apenas em aspectos relacionados às classes sociais. Para Porto (2010, p. 93), este conceito é “relevante, porém insuficiente, se utilizado sozinho, para dar conta da realidade das sociedades contemporâneas”. Pois, para discutir sobre esta questão no contexto brasileiro também é preciso considerar os aspectos simbólicos que compõem a nossa sociedade.

A promoção de um debate mais abrangente depende, então, de considerar as “violências originadas de uma exclusão por falta” (PORTO, 2010, p. 98). Neste sentido, estariam incluídos todos os indivíduos que estão inseridos em um contexto de exclusão e marginalização, onde

faltam suprimentos básicos, muitas vezes relacionados aos aspectos fundamentais para o desenvolvimento, como saúde, alimentação, educação e lazer. Nestes casos, a omissão do Estado é um ponto muito relevante, característica central deste tipo de violência.

A exclusão por falta seria, portanto,

“Marcada pela pobreza das condições materiais de vida, levando indivíduos à dificuldade de assegurar a continuidade da vida, situando-os, portanto, na dimensão da mera sobrevivência. Em tal contexto de privação, não é raro observar-se o desenvolvimento de uma identidade bloqueada, fragmentada ou mesmo sua ausência completa” (PORTO, 2010, p. 102).

Nestes casos, Porto (2010) destaca que a violência pode ser desdobramento de um contexto social complexo, dotado de múltiplas variáveis. Reforçando a ideia de que este fenômeno não é dado por si mesmo e de que os papéis dos sujeitos nestes contextos podem variar, fazendo com que um agente “causador” de violência seja, em alguns sentidos, a vítima deste fenômeno.

Assim, voltamos a afirmar que os contextos sociais tanto da vítima, quanto do agressor, e do local onde ocorre o fato são fundamentais para entender de que forma as relações se estruturam naquele cenário específico.

O local aqui não é entendido apenas como um lugar físico, mas como os aspectos que abarcam os atores sociais envolvidos nos fatos. É importante considerar, por exemplo, que em muitos contextos, a violência é usada “como forma de resolução de conflitos” (PORTO, 2010, p. 105). Nestes casos, a abordagem da mídia ao representar o ocorrido deve ser muito cuidadosa.

2.3 Representações Sociais da Violência

Para iniciar as discussões deste tópico, devemos reafirmar a ideia de que a mídia atua como produtora de imaginários e norteadora de condutas sociais (PORTO, 2010). Desta forma, consideramos que os veículos de Comunicação assumem, nos dias de hoje, um papel muito menos descritivo e informativo. Seus objetivos, então, transcenderam a apresentação dos fatos e fazem da mídia um mecanismo social que atua também como mediador e regulador das diferentes esferas.

Neste sentido, é importante atentar para a forma como os fatos são apresentados, considerando que a escolha da mídia “nunca é neutra, procurando sempre fazer jus ao conjunto

do real que quer dar a conhecer a partir de um ponto de vista singular” (DUARTE, 2010, p. 242).

Desta forma, ressaltamos que os veículos de Comunicação não atuam apenas com o intuito de apresentar os fatos, mas sim de representar as realidades (CHAMPAGNE apud PORTO, 2010). Na maioria das vezes, esta representação é feita a partir de um ponto de vista que subjuga e ignora aspectos importantes para a composição dos cenários.

Esta falta de contextualização, da qual discorremos nos tópicos anteriores, pode fomentar a formação de representações que não condizem com a realidade, reforçando os preconceitos que povoam o imaginário social, também conhecido como “pontos de referência do sistema simbólico” (LIMA, 1996, p. 242).

Na visão de Lima (1996), estes pontos de referência, além de constituir a identidade de um determinado grupo, estabelecem representações e distribuem papéis e funções sociais. O autor também considera que seria papel do imaginário criar padrões e exprimir as crenças de uma determinada sociedade.

Porto (2010, p. 163) relembra que algumas ideias “repetidas à exaustão nos noticiários de jornais e telejornais, nas revistas, em conversas, ganham estatuto de verdade, transformando-se em afirmações não contestadas, cujo grau de evidência é pensado como dispensando demonstração”.

Na visão da autora (2010), há seis pontos principais que fazem parte do imaginário proposto pela mídia acerca do fenômeno da violência: (1) A ideia de que este fenômeno cresceu nos últimos anos e, independente do que for feito daqui para frente, a violência continuará a crescer; (2) A ideia de que a violência é um fenômeno apenas urbano; (3) A associação direta e, muitas vezes, infundada entre violência e pobreza; (4) A relação de causa e efeito entre o enfraquecimento dos valores de família tradicional no Brasil e o aumento da violência; (5) A ideia de que a entrada e a presença cada vez mais expressiva das mulheres no mercado de trabalho teria relação com o aumento da criminalidade; (6) A relação de causa e efeito entre a perda de força da igreja e o aumento da violência.

Estes aspectos ilustram uma tentativa simplista e infundada por parte da mídia de explicar fenômenos sociais que são complexos, multifacetados e compostos de acordo com as particularidades de cada contexto. Estas afirmações estão presentes no cotidiano e são ditas tantas vezes que “passam a fazer parte do imaginário popular” (PORTO, 2010, p. 164).

Para dar continuidade à discussão, é importante ressaltar que o nosso entendimento a respeito das representações sociais tem como base a ideia de que estas são

“Noções utilizadas pelo indivíduo para se situar no mundo, explicar esse mundo e apreender sua maneira de ser. Ou seja, representações sociais são noções que expressam visões de mundo objetivando explicar e dar sentido aos fenômenos dos quais se ocupam, ao mesmo tempo em que, por sua condição de representação social, participam da constituição desses mesmos fenômenos, protagonizando uma solidariedade entre fenômeno e sua representação social” (MICHAUD apud PORTO, 2010, p. 164).

Desta forma, é possível ressaltar que, assim como a violência, as representações sociais são processos que acontecem ao mesmo tempo em que estão sendo estudados, como veremos no Capítulo destinado às discussões teóricas deste estudo. Por este motivo, é preciso cuidado e atenção para tratar deste assunto, cujas análises demandam certo afastamento por parte do pesquisador.

Assim, consideramos que, para que hajam coberturas mais democráticas sobre violência, é preciso fomentar o debate sobre este tema, esclarecendo questões importantes para o desenvolvimento do conceito e levando as pessoas à reflexão sobre quais processos acarretam ou estimulam a ocorrência deste fenômeno.

Para tal, é necessário reforçar a ideia de que a violência não é um conceito fixo, cíclico e imutável ao longo do tempo. As definições que envolvem este processo variam de acordo com a época, o espaço, a cultura e as crenças de cada sociedade. Isto possibilita que diferentes povos tenham representações variadas sobre o fenômeno da violência, por exemplo.

Além de afirmar, mais uma vez, a necessidade de estabelecer uma série de questionamentos sobre qual tipo de violência está sendo a apresentada, refletindo sobre o contexto em que os fatos ocorreram.

Assim, é importante ressaltar que nós consideramos que “entender porque a mídia produz certas representações sobre violência ou segurança pública, pode revelar-se mais pertinente do que preocupar-se apenas em desmentir ou confirmar tal e qual representação” (PORTO, 2010, p. 168). Nosso esforço neste trabalho, então, ocorrerá no sentido de buscar os elementos que compõem estas representações, associando-os ou não a uma possível formação de imaginário social a respeito da temática da violência.

Para cumprir tal tarefa, não podemos desconsiderar o fato de que os veículos de Comunicação, e em especial o Fantástico, transformam o real em um espetáculo que é frequentemente associado ao exagero. Estas representações fazem parte do cotidiano de uma mídia que tenta fazer uma “articulação entre fato, acontecimento, notícia, apresentação,

representação” (PORTO, 2010, p. 178) e ao mesmo tempo atuar como “juiz, polícia e censor” (PORTO, 2010, p. 183).

Entendemos que há certos aspectos que circundam o meio jornalístico, como a objetividade, a corrida pela notícia, a simplicidade da linguagem, entre outros, dos quais trataremos no Capítulo teórico deste estudo. Porém, reafirmamos a importância de seguir os padrões éticos de cobertura jornalística sugeridos por órgãos internacionais, dos quais trataremos nos próximos Capítulos.

CAPÍTULO 3 – Aspectos teóricos

Este capítulo tem como objetivo debater sobre o universo teórico no qual o objeto de estudo deste trabalho está inserido. Assim, discutiremos sobre aspectos relativos ao jornalismo televisivo no que diz respeito às linguagens, estruturas e elementos que compõem o texto jornalístico neste contexto.

Para tal, é preciso reafirmar que:

“[...] Os textos televisuais são complexos, ou seja, seu conteúdo se expressa simultaneamente através de diferentes linguagens sonoras e visuais. De um lado, tem-se a plástica da imagem – estilos de cenário, figurino, maquiagem, iluminação, enquadramento e, mesmo, modos de interpretação. De outro, os elementos sonoros – o verbal, o musical e as mixagens, decorrentes do processo de edição. Constroem-se, dessa maneira, de forma intersemiótica, utilizando-se dessas linguagens em interação” (DUARTE, 2010, p. 228).

Considerando que o esforço deste trabalho se concentra em identificar e discorrer sobre a maneira como as representações sobre violência são contereúdas pela mídia, acreditamos que a análise dos aspectos que compõem a narrativa é fundamental para o desenvolvimento desta pesquisa, já que assim é possível pensar sobre a construção deste discurso do ponto de vista jornalístico.

Por este motivo, procuraremos entender quais recursos são utilizados pelos veículos de comunicação televisiva para “contar a narrativa” (DUARTE, 2010, p. 228). O mais importante, porém, é que esta discussão, servirá de bases para o Capítulos de Análise deste trabalho.

Neste capítulo, também discutiremos sobre a Teoria das Representações Sociais do ponto de vista proposto por Moscovici (2007). Para tal, é importante ressaltar que esta advém de observações sistemáticas feitas no âmbito da Psicologia Social, campo que tem como um dos objetos de estudo o entendimento do funcionamento social e o poder das ideias.

Neste sentido, ressaltamos que, para o desenvolvimento desta pesquisa, consideramos as representações sociais como fenômeno, cuja forma está diretamente ligada à maneira como as sociedades são organizadas e, portanto, variam de acordo com as culturas. Assim, ressaltamos nosso entendimento de que:

“As representações sociais são entidades quase tangíveis. Elas circulam, se entrecruzam e se cristalizam continuamente, através duma

palavra, dum gesto, ou duma reunião, em nosso mundo cotidiano. Elas impregnam a maioria de nossas relações estabelecidas, os objetos que nós produzimos ou consumimos e as comunicações que estabelecemos” (MOSCOVICI apud MOSCOVICI, 2007, p. 10).

A proposição acima ilustra o desafio de trabalhar com este fenômeno, já que ele acontece a todo momento e em todas as sociedades. Por estes motivos, os estudos das ciências sociais exigem um afastamento do pesquisador, que deve tentar observar os acontecimentos da sua própria época de forma sistemática, tentando se distanciar do contexto no qual está inserido.

Desta forma, consideramos que o interesse de Moscovici (2007) em estudar as ideias coletivas nas sociedades modernas, considerando as variações e a diversidade das representações sociais se alinha perfeitamente com os objetivos deste trabalho.

3.1 Breve Contextualização Histórica

Em 1817, Jakob Berzelius, químico sueco, descobriu que a luz modifica a capacidade do selênio, permitindo a passagem de corrente elétrica. Dezenove anos depois, Samuel Morse, pensador norte americano, inventou o telégrafo com fio. Em 1873, Joseph May aprimorou esta invenção e aprofundou os estudos sobre a célula fotoelétrica, que anos depois seria a base das transmissões de rádio e TV.

Seis anos depois desta descoberta, Thomas Edison criou a lâmpada incandescente e desenvolveu experimentos com o que depois se tornariam as válvulas de rádio e TV. Em 1880, Maurice Le Blanc descobriu que imagens sucessivas sobrepostas em uma certa velocidade dão a ideia de movimento. Esta descoberta também foi um dos pilares do desenvolvimento da indústria cinematográfica.

Em 1884, o alemão Paul Nipkow inventou o transmissor mecânico e descobriu que a projeção de furos de uma placa de metal em alta velocidade assumiam formas, ao se unirem. Neste momento, possibilitou-se a transmissão de formas a médias distâncias. Neste mesmo ano, Heirinch Hertz descobriu um elemento que mudou os caminhos da humanidade: as ondas eletromagnéticas.

Em 1901, o italiano Guglielmo Mareani inventou um aparelho que transforma ondas em sinais elétricos. Dezenove anos depois, o norte americano Charles Jenkins criou mecanismos de captação e transmissão de imagens. Em 1923, Vladimir Zworykin inventou o iconoscópio,

um tubo com tela de células fotoelétricas que possibilita a transmissão de imagens em um raio de até 45 quilômetros.

Em 1931, a Corporação de Rádio Americana (RCA) comprou uma antena de transmissão e adquiriu o primeiro estúdio do canal NBC. Em 1935, o governo francês construiu uma antena de transmissão no topo da Torre Eiffel, em Paris. Um ano depois, a NBC pôs as câmeras na rua para fazer a transmissão da coroação do Rei Jorge IV.

A partir dos anos de 1940, a TV se consolidou e as transmissões passaram a ser totalmente eletrônicas. Nas décadas seguintes, os meios de Comunicação de massa se firmaram como instrumentos de troca de informações em todo mundo.

No Brasil, a chegada da televisão teve como protagonista uma personalidade essencial para o desenvolvimento da Comunicação no País, Assis Chateaubriand. No dia 18 de Setembro de 1950, foi inaugurada a primeira emissora de TV brasileira. Entrou no ar a PRF-3 TV difusora, que anos depois se tornaria a TV Tupi.

Nos primeiros momentos, o canal contava com apenas cinco horas de transmissão direta, que acontecia diariamente entre seis e onze da noite. A programação contava, em sua maior parte, com programas de entretenimento voltados para a alta sociedade. É importante ressaltar que, nesta época, os aparelhos de TV eram de difícil acesso, sendo considerados artigos de luxo e objeto indicador de *status* social: só as famílias ricas o detinham.

A partir da década de 1960, a televisão se consolida no Brasil. Neste mesmo ano, a TV Tupi de São Paulo gravou a festa de inauguração de Brasília, utilizando-se dos recém chegados equipamentos de *videotape*. O ano de 1965 foi marcado pelo surgimento das Organizações Globo, no Rio de Janeiro. Mesma época em que foi fundada a Empresa Brasileira de Telecomunicações (Embratel) e foi implementado o sistema de transmissão nacional de televisão.

Os anos de 1970 foram marcados pela censura do regime militar que assola o Brasil. Em 1972, ano em que o Fantástico foi exibido pela primeira vez, se inicia a era da TV em cores no País. A década seguinte foi marcada pelo fim da Rede Tupi, que teve suas dependências divididas entre dois grupos: Sílvio Santos e Adolfo Bloch. Em 1981, o Sistema de Televisão Brasileiro (SBT) incorporou a TVS e, a partir de então, passou a atingir grandes níveis de audiência com certa frequência. Nesta mesma década, as minisséries da TV Globo surgiram como a grande novidade do entretenimento no País.

No final da década de 1980, o SBT se consolidou como vice-líder de audiência no Brasil. Nos anos de 1990, eram comuns as transmissões ao vivo e houve a implantação da TV por

assinatura no País. A partir dos anos 2000, a “TV a cabo” se consolidou e as emissoras de TV aberta entraram em crises, cada vez mais severas, de audiência.

Recentemente, houve a implementação da HDTV e do sinal de transmissão digital. Isto permitiu que a imagem das TV brasileiras ficasse mais precisa, ressaltando cada detalhe. Os aparelhos de televisão atuais também são bastante interativos e permitem que o telespectador acesse a *internet* enquanto assiste TV.

Dados da Pesquisa Brasileira de Mídia 2015, mostram que o brasileiro passa, em média, 4h31m por dia ligado às telinhas, durante a semana. Nos fins de semana, esta média cai para 4h14m por dia.

“As pessoas assistem à televisão, principalmente, para se informar (79%), como diversão e entretenimento (67%), para passar o tempo livre (32%) e por causa de um programa específico (19%). Mas não é baixo o percentual de entrevistados que declaram ter esse meio de comunicação como uma companhia (11%)” (SECOM, 2014, p. 15).

Em relação ao acesso à televisão, a pesquisa mostra que que 26% dos lares brasileiros dispõem de serviços pagos de televisão, 23% fazem uso da antena parabólica e 76% têm acesso ao sinal aberto de TV. Embora este ainda seja o meio de Comunicação mais utilizado no Brasil, o perfil do telespectador brasileiro vem apresentando mudanças.

Hoje, boa parte das pessoas que assistem TV realizam outras atividades enquanto o fazem. Entre estas, as principais são: comer alguma coisa (49%), conversar (28%), fazer atividades domésticas (21%), fazer uso de celulares (19%) e usar a *internet* (12%). Estes dados podem ser interpretados como indicativos da convergência das mídias, onde um mesmo usuário pode assistir à TV, acessar à *internet*, checar as redes sociais, entre outras atividades, ao mesmo tempo e, em alguns casos, utilizando-se de um único aparelho eletrônico.

3.2 Linguagens da Televisão

O objetivo deste subcapítulo é entender de que maneira a TV utiliza de diversos recursos de imagem, som e texto para contar suas narrativas. Esta problematização surge do entendimento de que o discurso promovido pela televisão é composto de “linguagens em interação” (DUARTE, 2010, p. 228) e, por este motivo, a escolha das ferramentas que vão

compor o discurso nos dá indícios de como os veículos ou programas de TV escolhem representar as histórias.

“Há uma adequação de estratégias discursivas e mecanismos expressivos, que são selecionados em função de serem apropriados à televisão: são formas específicas de cortes, planos, justaposição de cenas em movimento, montagens, edição. E o meio dispõe de todo um arsenal de procedimentos para tentar impor ao receptor sua interpretação dos acontecimentos representados” (DUARTE, 2010, p. 228).

Porém, para realizar tal tarefa, é preciso considerar que existem diversas variáveis que permeiam o universo televisivo. Muitas delas dizem respeito ao custo de produção dos conteúdos, ao interesse que estes podem despertar no telespectador, gerando (ou não) bons índices de audiência, além de uma preocupação comum na mídia: mostrar aquilo que é novidade.

Outro aspecto a ser enfatizado é que a televisão acompanha os movimentos da sociedade (mesmo que no contexto brasileiro, muitas vezes, isto ocorra com certa resistência). Por este motivo, a forma de “fazer TV” varia de acordo com a época, e sempre incorpora as tendências e novidades do momento.

Isto tem ficado cada vez mais claro nos dias de hoje. A *internet* vem modificando de forma sem precedentes a forma de fazer Comunicação. Por este, motivo, com o intuito de parecer mais conectados e atuais, a maior parte dos programas de TV passaram a usar as redes sociais para se comunicar diretamente com o telespectador, que muitas vezes pode até participar do programa, enviando conteúdos.

No caso do Fantástico, as mudanças mais explícitas se deram nos cenários, que hoje contam com vários aparatos tecnológicos. Além disso, a revista semanal da Globo tem alguns quadros que são feitos por meio de vídeos enviados por telespectadores cantando trechos de música ou fazendo homenagens a artistas ou pessoas queridas próximo a shows ou datas comemorativas, como dia dos namorados e dia das mães, por exemplo.

Desta forma, consideramos que para trabalhar com este tipo de objeto, é preciso entender os aspectos relacionados à sua complexidade, às suas características híbridas e ao seu funcionamento carregado de significados (DUARTE, 2010). Caso contrário, a análise será feita de maneira incompleta e os resultados obtidos não serão os desejados.

Nossos esforços se concentram, então, no intuito de entender “como os textos televisivos fazem para dizer o que dizem. É este “como” que os distingue” (DUARTE, 2010,

p. 231). Para tal, é preciso reforçar a ideia de que as características particulares da TV têm relação direta com a forma com os acontecimentos são narrados neste meio e que esta narrativa é composta por diversas linguagens atuando em conjunto.

Outro aspecto importante a ser ressaltado diz respeito aos esforços feitos pelos canais de TV aberta para manter a audiência. Isto motivou diversas mudanças de linguagem, além da inserção de elementos que antes eram ignorados (como a maior representação das periferias e bairros mais afastados nas coberturas), a mudança dos cenários, dos apresentadores (no caso específico do Fantástico), entre outras.

Há quem diga que esta espécie de “corrida pelos telespectadores” também incentiva os veículos a aderirem aspectos da linguagem sensacionalista, apelando para o uso de elementos visuais, gráficos e textuais que remetam à ideia do exagero, do cômico, do ridículo, etc.

“O sensacionalismo tem servido para caracterizar inúmeras estratégias da mídia em geral, como superposição do interesse público; a exploração do interesse humano; a simplificação; a deformação; a banalização da violência, da sexualidade e do consumo; a ridicularização das pessoas humildes; o mau gosto; a ocultação de fatos políticos relevantes; a fragmentação e descontextualização do fato; o denunciamento; os prejulgamentos e a invasão de privacidade de tanto de pessoas pobres e como de celebridades, entre tantas outras” (AMARAL apud FRANCISCATO, GOES, 2012, p. 294).

Também é importante considerar que, muitas vezes, estes elementos são incorporados ao discurso porque

“A televisão deseja e precisa ser assistida, isto é, conquistar e manter a atenção do telespectador, pois disso decorre sua sobrevivência. Para tanto, emprega diferentes níveis de estratégias comunicativas e discursivas, que correspondem a deliberações em diferentes níveis e à adoção de determinados procedimentos – de seleção, combinação e mesmo ruptura – que se submetem ao princípio da eficácia: seu propósito é o êxito” (DUARTE, 2010, p. 232).

Esta busca incessante pela audiência faz com que o perfil do público do programa seja uma diretriz nas reuniões de pauta e nas decisões relativas ao enquadramento da matéria e ao próprio agendamento aplicado aquele contexto, no sentido de escolher o que deve, ou não, ser mostrado. Esta “escolha” torna-se ainda mais significativa quando o programa é semanal, como

no caso do nosso objeto de estudo, pois, na prática, o jornalista dispõem de poucas horas para falar sobre os fatos que aconteceram no decorrer da semana.

É importante lembrar que esta escolha “nunca é neutra, procurando sempre fazer jus ao conjunto do real que quer dar a conhecer a partir de um ponto de vista singular” (DUARTE, 2010, p. 242).

Outro aspecto a ser considerado nesta discussão diz respeito aos gêneros jornalísticos. Para Duarte (2010), a escolha destes interfere diretamente na maneira como a realidade é apresentada e seria a partir da combinação de gêneros e subgêneros jornalísticos que os veículos de Comunicação constroem suas representações.

Por fim, antes de aprofundarmos nas definições dos conceitos a serem utilizados no desenvolvimento deste trabalho, lembramos que o entretenimento e a diversão são características inerentes aos meios de Comunicação televisiva. Estas atribuições, ora caminham lado a lado com a informação, ora se confundem com esta, dificultando a delimitação e distinção entre um e outro conceito.

3.3 Definições de Conceitos

Para dar continuidade às discussões, consideramos importante definir alguns conceitos que serviram de base para a elaboração deste trabalho. Para cumprir tal tarefa, utilizamos como base as ideias de Paternostro (1999).

Para tornar mais simples a compreensão e a aplicação destes aspectos, optamos por dividi-los quatro subcategorias: Imagem, Texto e Som.

- **Imagem**

- **Arte:** ilustração visual, gráfica, computadorizada, inserida na reportagem para facilitar a compreensão e assimilação de uma informação. São muito usadas para localizar locais (mapas), e podem ser animadas ou não.

- **Border:** efeito de mesa, ou de arte, que produz um contorno numa imagem para ressaltar ou destacar algum detalhe.

- **Cenário Virtual:** cenário gerado por computadores que usam programas específicos, e que pode ser usado de infinitas formas, com inserções de imagens gravadas, inserção de pessoas, etc.

- **Close:** um dos planos de enquadramento da imagem usados em telejornal. Aproximação do objeto (ou pessoa) que se quer destacar.
- **Contraluz:** recurso de iluminação. A imagem principal fica “recortada” em silhueta, porque a iluminação é colocada por trás.
- **Contraplano:** recurso de imagem para ser usado na edição. Contraplano do entrevistado: quando ele aparece calado, olhando para o repórter. Contraplano do repórter: quando ele aparece em *close* fazendo uma pergunta ao entrevistado ou escutando-o atentamente.
- **Corte:** mudança de uma imagem para outra, mudança de cena.
- **Edição:** montagem do vídeo de uma reportagem. Construção do produto final, o que vai ao ar.
- **Efeito Especial:** é usado na edição de uma reportagem para dar um acabamento mais sofisticado.
- **Fade:** é um escurecimento da tela. *Fade in* (aparecimento) ou *Fade out* (desaparecimento) gradual da imagem na tela.
- **Frisar:** efeito de congelamento de uma imagem. Quadro parado.
- **Fusão:** desaparecimento de uma imagem simultâneo ao aparecimento de outra (como se viesse por trás).
- **Imagem de Arquivo:** imagem produzida anteriormente, em outra época, ao fato/acontecimento que é o tema principal da reportagem.
- **Imagem Forte:** imagem principal da matéria, que se sobressai e causa algum tipo de reação emocional.
- **Panorâmica:** movimento lento da câmara, normalmente da esquerda para a direita.
- **Plano:** angulação da câmara.
- **Replay:** recurso técnico usado para repetir uma boa imagem.
- **Slow motion:** efeito que faz com que a imagem tenha um andamento mais lento.
- **Zoom in:** movimento de aproximação de uma imagem.
- **Zoom out:** movimento de distanciamento.

- **Texto**

- **Abertura da Matéria:** o repórter abre a matéria ao vivo, isto é, aparecendo no vídeo, com uma informação complementar à “cabeça” lida pelo apresentador.
- **Cabeça da Matéria ou Lead:** é sempre lida pelo apresentador e dá o gancho da matéria.
- **Coloquial:** o estilo de texto que se usa em telejornalismo.

- **Curto e Grosso:** expressão usada para indicar que o texto deve informar o máximo com o mínimo de palavras.
- **Encerramento da Matéria:** o repórter fecha a matéria ao vivo, isto é, aparecendo no vídeo, dando uma informação conclusiva à reportagem.
- **Narração:** a gravação do texto da matéria, pelo apresentador ou pelo repórter.
- **Pontuação:** o uso de sinais ortográficos que dão ritmo ao texto e indicam as pausas que o locutor deve fazer durante a leitura.
- **Ritmo do Texto:** equilíbrio do texto obtido através de frases curtas e pontuação correta.
- **Texto em off:** é o texto gravado (pelo repórter ou apresentador) para ser editado junto com as imagens da reportagem.

- **Som**

- **BG:** ruído do ambiente ou música que acompanha, ao fundo, a fala do repórter.
- **Edição:** montagem do áudio de uma reportagem. Construção do produto final, o que vai ao ar.
- **Som ambiente:** som característico do local onde está sendo realizada uma reportagem.
- **Sonora:** termo que se usa para designar a fala em uma entrevista.
- **Vinheta:** marca a abertura ou o intervalo do telejornal. Normalmente é composta de imagem e música característica, trabalhadas com efeitos especiais.

3.4 Representações Sociais

Segundo Moscovici (2007), as representações atuam como mediadoras entre aquilo que é considerado real e o imaginário. Desta forma, o autor afirma que este fenômeno tem como principais funções: (1) Convencionalizar objetos, estabelecendo modelos e, de certa forma, construir preconceções e preconceitos sobre as coisas do mundo, nos ajudando, assim, a interpretar o contexto em que estamos inseridos; (2) Se impor sobre nós, de forma prescritiva, sendo transmitidas de geração em geração.

Neste sentido, podemos afirmar que “essas representações são entidades sociais, com uma vida própria, comunicando-se entre elas, opondo-se mutuamente e mudando em harmonia com o curso da vida” (MOSCOVI, 2007, p. 38).

Consideramos, então, que este fenômeno está presente em todas as interações humanas, ajudando a explicar aquilo que não é familiar e/ou aquilo que causa desconforto, trazendo o que está longe para perto e transformando o abstrato em concreto.

“[...] As representações que fabricamos – duma teoria científica, de uma ação, de um objeto, etc. – são sempre o resultado de um esforço constante de tornar comum e real algo que é incomum (não familiar), ou que nos dá um sentimento de não-familiaridade. E através delas nós superamos o problema e o integramos em nosso mundo mental e físico, que é, com isso enriquecido e transformado. Depois de uma série de ajustamentos, o que estava longe, parece ao alcance de nossa mão; o que parecia abstrato, torna-se concreto e quase normal” (MOSCOVICI, 2007, p. 58).

Por estes motivos, é importante afirmar que todo o universo em que estamos inseridos, guiado pela linguagem, está sob julgo das representações sociais. Por este motivo, os veículos de Comunicação, inseridos em um contexto social específico e subprodutos de seu tempo, não são capazes de se livrar de todas as convenções pré-estabelecidas neste universo.

“Impressionantemente, cada um de nós está obviamente cercado, tanto individualmente como coletivamente, por palavras, ideias e imagens que penetram nossos olhos, nossos ouvidos e nossa mente, quer queiramos quer não e nos atingem, sem que o saibamos, do mesmo modo que milhares de mensagens enviadas por ondas eletromagnéticas circulam no ar sem que as vejamos e se tornam palavras em um receptor de telefone, ou se tornam imagens na tela da televisão” (MOSCOVICI, 2007, p. 33).

As representações sociais, então, constituem realidades e, muitas vezes, acabam assumindo o lugar daquilo que está estabelecido e, portanto, é inquestionável. Assim, é importante ressaltar a nossa missão de confrontar estas ideias, refletindo sobre como elas foram estabelecidas e tentando enxergar o que elas representam no contexto atual, considerando que as representações não são criadas por indivíduos isoladamente, mas são fruto de um contexto cíclico e multifacetado, onde o fenômeno atual substitui o que antes era vigente.

Assim, é importante ressaltar que é preciso observar as representações de maneira específica, pois estas “ocupam, com efeito, uma posição curiosa, em algum ponto entre conceitos, que têm como seu objetivo abstrair sentido do mundo e introduzir nele ordem e percepções, que reproduzam o mundo de forma significativa” (MOSCOVI, 2007, p. 46).

Assim, este fenômeno ajuda a lidar de forma mais fácil com as coisas do mundo, já que restabelece a ordem daquilo que estava ameaçado pela descontinuidade ou falta de sentido.

Segundo Lévy-Bruhl (apud MOSCOVICI, 2007), quatro aspectos compõem as representações coletivas. São eles: (1) Os elementos de caráter holístico, que tem como objetivo reafirmar que as ideias e crenças estão conectadas entre si; (2) A necessidade de tratar as “representações como construções intelectuais de pensamento” (MOSCOVICI, 2007, p. 184), separando-as das emoções coletivas que as acompanham e que são frutos dela; (3) A ideia de que representações compreendem “ideias e crenças que são gerais e as relacionam a práticas ou realidades que não o são”; (4) A necessidade de reconhecer que todas as representações coletivas têm a mesma coerência e o mesmo valor, independente do contexto no qual estão inseridas.

Desta forma, é importante enfatizar que as representações sociais não procuram estabelecer um “acordo entre as nossas ideias e a realidade de uma ordem (MOSCOVICI, 2007, p. 207), mas sim construir caminhos que estabeleçam conexão entre aquilo que é real e o que é imaginado, entre o estranho e o familiar, o conhecido e o não conhecido.

Elas têm, então, a finalidade de facilitar a comunicação entre os atores e reduzir os espaços vagos de nosso mundo, a partir de ideias gerais que são consenso na sociedade. As representações se apresentam, então, como “uma ‘rede’ de ideias, metáforas e imagens, mais ou menos interligadas livremente e, por isso, mais móveis e fluidas que teorias” (MOSCOVICI, 2007, p. 210)

3.4.1 Ancoragem e Objetivação

Este processo (de transformar aquilo que é estranho em algo familiar) é complexo e necessita de elementos que dão uma feição conhecida às ideias e estão baseados, principalmente no que diz respeito à memória e às experiências e conclusões passadas dos indivíduos (MOSCOVICI, 2007). Assim, este movimento se estabelece a partir de dois mecanismos, ancoragem e objetivação, dos quais discorreremos neste tópico.

O primeiro deles, a ancoragem, como o próprio nome diz, tenta ancorar as ideias, reduzindo-as a categorias de imagens comuns e encaixando-as em um contexto familiar.

Desta forma,

“Esses mecanismos transformam o não-familiar em familiar, primeiramente transferindo-o a nossa própria esfera particular, onde

nós somos capazes de compará-lo e interpretá-lo; e depois, reproduzindo-o entre as coisas que nós podemos ver e tocar, e, conseqüentemente, controlar” (MOSCOVICI, 2007, p. 61).

A ancoragem estaria relacionada, então, a nossa necessidade de estabelecer controle sobre os objetos do mundo, a partir de elementos originados de nossas percepções particulares sobre as coisas. Neste sentido, ancorar também é dar nome, classificar, rotular como conhecido, pois a partir destas etapas, somos capazes de imaginar certos contextos e, assim, representá-los.

“Pode-se dizer, contudo, que em sua grande maioria essas classificações são feitas comparando as pessoas a um protótipo, geralmente aceito como representante de uma classe e que o primeiro é definido através da aproximação, ou da coincidência com o último” (MOSCOVICI, 2007, p. 64).

Porém, se a identificação com estes objetos é dada por meio protótipos, podemos afirmar que, de certo modo, nossos esforços não se dão no sentido de conhecer as coisas do mundo, mas sim de reconhecê-las e classificá-las a partir de experiências passadas, agrupando-as junto a outras trajetórias similares.

Desta forma, é possível dizer que a ancoragem é feita de duas maneiras: generalizando (selecionando uma característica aleatória e usando-a como fator determinante dos objetos de dada categoria) e particularizando (classificando o objeto analisado com algo diferente do protótipo).

Neste sentido, Moscovici (2007, p. 65) afirma que “de fato, a tendência para classificar, seja pela generalização ou pela particularização, não é, de nenhum modo, uma escolha puramente intelectual, mas reflete uma atitude com o objeto, um desejo de defini-lo como normal ou aberrante”.

No que diz respeito ao objeto de estudo deste trabalho, como veremos no Capítulo de Análise e nas Conclusões da pesquisa, que este mecanismo de representação é muito utilizado na cobertura de violência do Fantástico, em 2015, onde mostra-se latente a necessidade de classificar fatos e indivíduos, dando a eles nomes e classificando os fatos a partir da lógica do senso comum.

O mecanismo de objetivação, no entanto, tem como princípio norteador “descobrir a qualidade icônica de uma ideia, ou ser impreciso; é produzir um conceito em uma imagem” (MOSCOVICI, 2007, p. 72).

Neste estágio, as imagens têm um papel específico e passam a existir como objetos reais, sendo assimiladas àquilo que é percebido. Estas se tornam, então “elementos da realidade, em vez de elementos do pensamento” (MOSCOVICI, 2007, p. 74). Sendo assim, através da objetivação e da linguagem, nós personificamos os objetos, os sentimentos e os diversos elementos que compõem o mundo físico do qual fazemos parte.

CAPÍTULO 4 – Metodologia

O objetivo deste capítulo é indicar os caminhos e as decisões metodológicas tomadas no desenvolvimento desta pesquisa que nos levaram aos resultados obtidos a partir das três fases que nortearam a nossa investigação, descrevendo brevemente os principais métodos utilizados em cada etapa.

Na visão de Lopes (2010), a metodologia é o processo de tomada de decisões que dá corpo à pesquisa, estruturando-a em diferentes fases e norteando as ações do pesquisador. Para que este caminho leve aos resultados desejados, o pesquisador deve ter a compreensão total do seu objeto de estudo e escolher corretamente as técnicas a serem utilizadas no desenvolvimento deste.

Este capítulo, então, está estruturado de acordo com as três fases de andamento desta pesquisa, sendo elas: (1) Pesquisa Exploratória; (2) Pesquisa Bibliográfica e (3) Desenvolvimento da Análise. A descrição de cada uma destas etapas está estruturada com uma breve apresentação dos métodos e explanação sobre as técnicas aplicadas. Na última etapa, especificamente, promovemos uma discussão sobre os instrumentos de análise utilizados neste contexto.

Consideramos que o caminho adotado foi o mais relevante e adequado para chegarmos aos resultados desejados, levando em conta que estamos trabalhando com temas consideravelmente complexos e que necessitam de aprofundamento sobre questões sociais. Assim, reafirmamos a ideia de escolher técnicas e teorias que nos levassem a resultados que considerassem o fenômeno da violência em sua multiplicidade e pluralidade (PORTO, 2010).

A escolha da amostra também foi feita visando obter o máximo possível de dados, para que as nossas conclusões fossem mais ricas e abrangentes, apesar deste trabalho não ter objetivo de tratar da cobertura jornalística de violência como um todo. A complexidade e variedade da amostra nos ajudou a entender, de forma mais ampla, as maneiras que os diferentes tipos de violência foram representados no contexto estudado.

Os processos aqui expostos foram orientados a partir das proposições de Gil (2010) sobre as premissas para a elaboração de projetos de pesquisa. Por isso, é importante lembrar que este trabalho, como afirmamos anteriormente, é um estudo de caso sobre as representações da violência no programa Fantástico (TV Globo), em 2015.

4.1 Pesquisa Exploratória

Este foi o primeiro momento desta pesquisa, onde procuramos nos aproximar das discussões que compõem o universo teórico relacionado às temáticas da violência e do jornalismo televisivo. Desta forma, o trabalho da pesquisa exploratória serviu para recuperar conceitos, e nos inteirar das discussões propostas nos dois âmbitos, eventualmente relacionando um ao outro.

Desta forma, consideramos que este momento da pesquisa teve

“Propósito de proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas de torná-lo mais explícito ou construir hipóteses. Seu planejamento tende a ser bastante flexível, pois interessa considerar os mais variados aspectos relativos ao fato ou fenômeno estudado” (GIL, 2010, p. 27).

No contexto deste trabalho, esta etapa foi relevante para identificar as temáticas importantes a serem consideradas nas discussões sobre violência. O material coletado nesta primeira fase do projeto serviu para que, posteriormente, pudéssemos definir as Categorias de Análise dos conteúdos. Além disso, aproveitamos para reiterar algumas discussões sobre as técnicas do telejornalismo.

Foi neste momento também que definimos o enfoque do nosso estudo. Como já mencionamos anteriormente, a violência tem múltiplas faces e é identificada em diversos contextos. Porém, a nossa observação empírica de que a violência urbana tem mais destaque na mídia, em comparação com outros tipos de ocorrência deste fenômeno, nos levou a optar por este objeto de estudo.

Assim, a pesquisa exploratória também foi importante no sentido de auxiliar na definição do objeto desta pesquisa. A percepção de que o sensacionalismo está cada vez mais presente no discurso dos veículos de Comunicação e o interesse em estudar as representações da violência em um programa que estivesse presente na rotina dos brasileiros há alguns anos e que, de certa forma, tivesse credibilidade e fosse reconhecido pela sua cobertura factual, nos levou ao Fantástico. A partir deste momento, iniciamos o nosso projeto de pesquisa.

4.1.2 Pesquisa Bibliográfica

No segundo momento da pesquisa, procuramos reunir o máximo de material possível para a elaboração do projeto. Esta fase garante a riqueza e complexidade do debate e deve ser feita com mais atenção quando o objeto de estudo é complexo e exige esforço por parte do pesquisador.

“A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Essa vantagem torna-se particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço” (GIL, 2010, p. 30).

É importante lembrar que este processo não é uma simples reunião de conteúdos, mas uma pesquisa sistemática que tem como objetivo principal acrescentar ideias e reflexões às discussões teóricas sobre os assuntos abordados, ajudando a construir o debate sobre o tema proposto.

Para compor nosso estudo, selecionamos publicações relevantes sobre violência, representações sociais e técnicas telejornalísticas. Assim, direcionamos nossos olhares para vários capítulos de livros, publicações oficiais de órgãos como ONU, ANDI, entre outros, além de artigos científicos e manuais técnicos.

4.2. Fichas de Análise

O primeiro passo para o desenvolvimento desta etapa deu-se no sentido de delimitar o objeto de análise. Desta forma, consideramos que para ter uma noção mais ampla e completa das representações da violência no âmbito do Fantástico, seria necessário assistir a todas as edições do programa veiculadas no intervalo de um ano.

Porém, devido à dificuldade de acessar estes conteúdos pelo serviço online de vídeos da Globo, que não disponibiliza todos os programas do ano, decidimos que selecionaríamos as matérias a partir do site do Fantástico, onde é possível encontrar os vídeos das matérias exibidas nos domingos. Esta escolha nos possibilitou o acesso às chamadas das matérias, que são produzidas especialmente para o site, que se tornaram mais um elemento da análise desta pesquisa.

Assim, analisamos todos os conteúdos publicados na página do Fantástico entre os dias 04/01/2015 e 27/12/2015. Este montante abrange as 52 edições do programa que foram ao ar no ano passado. Deste total, selecionamos 56 conteúdos telejornalísticos que estão relacionados à violência urbana, como mostra a tabela a seguir.

Tabela 1 - Conteúdos sobre violência encontrados nas edições de 2015 do programa, assim como as respectivas datas em que eles foram exibidos.

Data	Conteúdos de Violência
04/01/2015	-
11/01/2015	Estudante é morta em abordagem policial no RJ.
18/01/2015	-
25/01/2015	PM suspeito de matar surfista também é acusado de torturar outro rapaz.
01/02/2015	-
08/02/2015	-
15/02/2015	Justiça mantém pena de homem acusado de matar esposa há 25 anos.
22/02/2015	Policial militar é acusado de execução após perseguição em SP.
01/03/2015	-
08/03/2015	-
15/03/2015	-
22/03/2015	Presos comandam destruição dentro e fora de presídios rebelados no RN.
29/03/2015	-
05/04/2015	-
12/04/2015	RJ tem mais da metade das mortes de crianças em operações policiais.
19/04/2015	Chacina deixa oito mortos na quadra de torcida do Corinthians em SP.
26/04/2015	-
03/05/2015	Brasileiro se arrepende de ter revertido pena de morte para prisão perpétua ³ .
10/05/2015	Violência em favelas no Centro do Rio mata duas pessoas.

³ Apesar deste trabalho ter como recorte geográfico o Brasil, consideramos esta matéria relevante, apesar de se tratar de um fato ocorrido nos Estados Unidos, pois suscita um debate sobre as políticas de segurança pública do País.

17/05/2015	Tiroteios voltam a assustar moradores de quatro comunidades do Rio de Janeiro; 'Foi arriscado', diz mulher que reagiu com spray de pimenta a assalto no PI.
24/05/2015	Presos tomam chá alucinógeno em projeto social polêmico em Rondônia.
31/05/2015	-
07/06/2015	Zelador participa de blitz da PM e executa um homem no Maranhão; Polícia prende suspeito de ferir três pessoas durante festa no Rio.
14/06/2015	Vídeo mostra preso por agressão na Gávea em episódio violento em posto.
21/06/2015	-
28/06/2015	-
05/07/2015	Imagens mostram médica voltando para socorrer bandido em ônibus; Empresário escapa de execução arquitetada por ex-gerente.
12/07/2015	'Queria justiça', diz dona de mercado espancada após reagir a assalto; Vídeo mostra homem amarrado sem roupa a poste antes de ser linchado; Câmera de segurança flagra ação de estuprador em Guarulhos; Acusado de tentar matar comerciante posta foto da cadeia em rede social.
19/07/2015	Não planejei, não mandei matar', diz acusada de mandar matar o marido; 'Pensei que fosse falecer', diz torcedor agredido no metrô de SP.
26/07/2015	Morte de PM pode ser a causa da chacina que matou 37 em Manaus; Jovens revelam que diretor incentivou espancamento na Fundação Casa.
02/08/2015	-
09/08/2015	'Me sinto um lixo', diz assassino confesso que esquartejou a própria tia; Empresário tem filho assassinado por gangue de jovens em cidade do RS.
16/08/2015	Testemunhas que escaparam de chacina em SP contam como foi ação; Arma apreendida com traficantes do Rio perfura aço blindado em teste.
23/08/2015	Novos laudos mostram que assassino de cartunista pode não ser inimputável.
30/08/2015	Na hora, você perde a reação', diz mulher arrancada de carro por ladrão.
06/09/2015	Testemunha diz que microempresário preso por assalto em SP é inocente; 'Deu a vida dele por mim', diz mulher feita refém na Catedral da Sé, em SP.

13/09/2015	Empregada diz que viu arma em cofre de Boldrini no dia da morte de Odilaine; Gravações mostram depoimentos de padrasto e mãe do menino Joaquim.
20/09/2015	Corpos de jovens mortos em chacina em Carapicuíba (SP) são enterrados.
27/09/2015	Câmeras da PM identificam suspeito a 2 km de distância nas praias do Rio
04/10/2015	Escutas mostram grupo de PMs recebendo até galinhas como propina; Fantástico mostra investigação para identificar vítimas de pintor; Traficantes matam mulher depois que ela e marido entraram por engano em favela de Niterói.
11/10/2015	-
18/10/2015	Chefe de quadrilha de traficantes é achado morto em cadeia do RN.
25/10/2015	'Ela dava risada', diz testemunha de atropelamento que matou dois em SP; Polícia recupera parte de instrumentos roubados da cantora Maria Gadú.
01/11/2015	Imagens mostram tentativa de fuga de preso vestido de senhora em Goiás; Vítimas lembram de arrastões em SP: 'Vieram todos na minha direção'.
08/11/2015	Fisiculturista já estava morta quando caiu de prédio no Paraná, apontam laudos; Ex-deputado que matou 2 jovens no PR revela ter bebido antes de dirigir; Presos usam rato para traficar drogas em presídio do Tocantins.
15/11/2015	Homem é espancado até a morte em Ipanema, no Rio.
22/11/2015	-
29/11/2015	Cinco jovens são mortos por policiais que tentaram alterar a cena do crime no RJ.
06/12/2015	-
13/12/2015	Gravação mostra momento em que pai de Sophia chama ambulância; Enterro de médico agredido no campus da USP é marcado por clima de revolta e tristeza.
20/12/2015	Pai de Sophia ficou 'agressivo e autodestrutivo', diz mãe da menina; Quadrilha que age dentro e fora das cadeias funciona como empresa.
27/12/2015	Roubos e assaltos assustam banhistas na Praia de Ipanema, no Rio; Mãe de Sophia diz que pai da menina apresentou comportamento violento.

Fonte: Desenvolvido pela autora

A tabela mostra o teor dos conteúdos sobre violência exibidos pelo programa, em 2015. Também é possível observar que algumas edições ao longo do ano não apresentaram matérias relacionadas à esta temática.

Após esta delimitação da amostra, nossos esforços se concentraram em entender de quais violências estávamos tratando. Neste sentido, dividimos as matérias em categorias de análise, de acordo com a principal temática abordada em cada uma delas. Para tal, nos dedicamos a um trabalho de pesquisa teórica sobre as discussões e os impactos do fenômeno da violência no Brasil, como falaremos no tópico a seguir.

Como resultado destes esforços, obtivemos doze Categorias de Análise. São elas: Agressão Física/Linchamento; Álcool e Direção; Arrastão; Chacina; Favela x Cidade Grande; Homicídio/Tentativa de Homicídio; Latrocínio/Tentativa de Latrocínio; Políticas Públicas de Segurança; Roubo/Assalto; Violência Contra a Mulher/Feminicídio; Violência Familiar; Violência Policial.

A tabela abaixo mostra o número de conteúdos que compõem cada Categoria.

Tabela 2 - Número de conteúdos por Categoria de Análise

Categoria de Análise	Quantidade de Conteúdos
Agressão Física/Linchamento	5
Álcool e Direção	2
Arrastão	2
Chacina	2
Favela x Cidade Grande	4
Homicídio/Tentativa de Homicídio	4
Latrocínio/Tentativa de Latrocínio	2
Políticas Públicas de Segurança	8
Roubo/Assalto	7
Violência Contra a Mulher/Feminicídio	5
Violência Familiar	5

Violência Policial	10
--------------------	----

Fonte: Desenvolvido pela autora

O esforço seguinte se deu no sentido de montar a Ficha de Análise e a Ficha Técnica que serviram como instrumento para desenvolver a análise do objeto de estudo. A seguir, está o modelo da Ficha de Análise utilizada para sistematizar os conteúdos sobre violência.

A composição desta ficha foi baseada na discussão sobre violência proposta por Porto (2010), nas ideias de Moscovici (2007) sobre representações sociais, principalmente no que diz respeito aos conceitos de ancoragem e objetivação, e na discussão sobre a TV proposta por Duarte (2010).

Quadro 1 – Ficha de Análise dos conteúdos

Informações Iniciais	
Dia	
Assunto	
Manchete (site)	
Número	
Categoria	
Gênero jornalístico	
Estrutura jornalística	
Lead/Cabeça da Matéria	
Pontuação (tom)	
Aspas relevantes	
Caracterização da Violência	
Palavras-chave	
Frases	
Ideias	
Perfil das vítimas	
Perfil dos acusados	

Aspectos de Contextualização	
Relações	
Local	
Problema	
Crime	
Fontes	
Quem são?	
Há relação de parentesco com algum envolvido?	

Fonte: Desenvolvido pela autora

Os primeiros aspectos fazem referência à estrutura do conteúdo jornalístico, assim como a sua posição cronológica na cobertura do Fantástico. O primeiro item diz respeito ao dia em que este conteúdo foi veiculado. Em seguida, são especificados também o assunto geral que é abordado na matéria, a manchete à qual este foi associado nas postagens do site, o número sequencial do conteúdo na amostra e a Categoria de Análise à qual ele foi associado.

Em relação a estrutura telejornalística dos conteúdos, destacamos alguns aspectos relacionados à cabeça da matéria e a pontuação dada pelo apresentador neste momento. Além disso, também separamos algumas frases dos personagens escolhidos para compor os conteúdos sobre violência no Fantástico.

Em seguida, a duração da matéria é especificada e também destacamos alguns elementos de imagem e som que são importantes para compor a narrativa. Os aspectos relacionados à caracterização da violência nos ajudaram a compor as Fichas de Ideia, os Quadros de Análise e os Mapas de Associação das Ideias, como veremos a seguir.

Os aspectos relacionados à caracterização das vítimas e dos acusados/condenados nos ajudaram a entender de que forma as violências foram representadas pelo Fantástico no período analisado, e também nos auxiliaram a elencar as ideias mais utilizadas para caracterizar estes atores.

No tópico Presença/Ausência de Contextualização, tentamos entender de que forma a violência foi contextualizada nestas matérias, percebendo até que ponto são promovidas discussões sobre relações sociais das vítimas e dos acusados, sobre o local onde ocorreu o fato,

sobre o problema da violência e sobre o crime em si. Por fim, a análise das fontes nos ajudou a entender de que perspectiva estes fatos foram relatados e quais opiniões foram consideradas relevantes do ponto de vista do Fantástico.

Após esta etapa de elaboração da Ficha de Análise, todos os conteúdos foram enumerados e foi feito o pré-teste da ficha em cinco matérias sorteadas aleatoriamente. Esta etapa nos mostrou as falhas da primeira versão deste material e nos permitiu aprimorar o instrumento.

Este momento de pré-teste nos mostrou também que haviam alguns pontos, relacionados às técnicas jornalísticas utilizadas para compor as matérias, que eram importantes para a análise dos conteúdos, mas não estavam contemplados nesta primeira ficha. Por este motivo, decidimos fazer uma segunda ficha, intitulada Ficha Técnica. Para tal, utilizamos como base o manual de telejornalismo de Paternostro (1999). O modelo deste instrumento está ilustrado a seguir.

Quadro 2 – Ficha de Técnica dos conteúdos

Aspectos de Imagem	Estão Presentes?	Observações
Arte		
<i>Border</i>		
Cenário Virtual		
<i>Close</i>		
Contraluz		
Contraplano		
Corte		
Edição		
Efeito Especial		
<i>Fade</i>		
Frisar		
Fusão		
Imagem de Arquivo		
Imagem Forte		
Panorâmica		

Plano		
<i>Replay</i>		
<i>Slow motion</i>		
<i>Zoom in</i>		
<i>Zoom out</i>		
Aspectos de Texto	Estão Presentes?	Observações
Abertura da Matéria		
Cabeça da Matéria ou <i>Lead</i>		
Coloquial		
Curto e Grosso		
Encerramento da Matéria		
Narração		
Pontuação		
Ritmo do Texto		
Texto em <i>off</i>		
Aspectos de Som	Estão Presentes?	Observações
BG		
Edição		
Som ambiente		
Sonora		
Vinheta		

Fonte: Desenvolvido pela autora

Neste momento da análise, direcionamos nosso olhar para os aspectos técnicos que compõem o universo do telejornalismo. Nossos esforços se concentraram no sentido de entender de que maneira estes recursos, que são inerentes à construção do discurso do jornalismo televisivo, são utilizados para compor as representações sobre o cenário de violência no Fantástico, partindo do pressuposto de que a escolha das técnicas utilizadas é uma das estratégias utilizadas para manter a audiência ligada à tela da TV.

Desta forma, colocamos na primeira coluna do quadro alguns recursos telejornalísticos. A escolha de quais recursos observar foi feita a partir de dois critérios: o primeiro deles diz respeito ao ponto de vista do telespectador. Selecionamos na obra de Paternostro (1999) os recursos que, quando utilizados, modificam a forma de contar as histórias e podem ser facilmente percebidos por quem assiste ao programa. Todos estes conceitos foram incorporados à primeira versão da ficha, que foi utilizada no primeiro momento da análise técnica destes materiais.

No segundo momento, assistimos novamente todas as matérias, no intuito de observar aspectos que poderíamos ter ignorado na primeira análise. Nesta etapa, excluímos da ficha os conceitos que, do ponto de vista do telespectador, não estavam presentes ou não eram perceptíveis em nenhum dos conteúdos analisados.

Desta forma, é possível afirmar que todos as técnicas enumeradas nesta ficha se mostraram presentes em algum momento da análise. Algumas delas, como edição de som, se mostram presentes em todas as matérias. Outras, como vinheta, são utilizadas apenas em alguns conteúdos, como veremos no capítulo dedicado à análise destes materiais.

As segunda e terceira colunas da tabela são destinadas a indicar se a técnica foi utilizada ou não naquele contexto e anotar quaisquer observações que fossem necessárias sobre o emprego desta, considerando mais uma vez, que a escolha destes recursos é feita de maneira estratégica e tem objetivos específicos.

Para iniciar a etapa de análise, sorteamos aleatoriamente um conteúdo de cada categoria, sem distinguir o gênero jornalístico deste. A escolha de analisar diferentes gêneros foi baseada na nossa percepção de que todos os conteúdos da amostra, até mesmo as notas cobertas, são representativos, já que a escolha do gênero jornalístico de cobertura de um fato também não é feita aleatoriamente, e mostra, de certa forma, a importância e o espaço que este tem no contexto de cobertura telejornalística do Fantástico.

A partir da Ficha Técnica e da Ficha de Análise de cada categoria, construímos as Fichas de Ideia, os Quadros de Análise e os Mapas de Associação das Ideias, que estão presentes no Capítulo 5 deste trabalho. Para tal, nos baseamos na metodologia de duas pesquisas elencadas na obra de Spink (2009) sobre o trabalho do psicólogo nas comunidades e as representações sociais da hipertensão arterial essencial. Porém, fizemos algumas adaptações necessárias para o desenvolvimento deste trabalho, considerando as especificidades do tema tratado.

O esforço seguinte ao preenchimento das Fichas de Análise e das Fichas Técnicas, se concentrou, então, em selecionar as principais ideias que caracterizam a representação da

violência nos conteúdos analisados e compor as Fichas de Ideias referentes à cada Categoria de Análise.

Nesta etapa, a partir dos conceitos de ancoragem e objetivação propostos por Moscovici (2007), destacamos os quatro trechos mais representativos de cada conteúdo analisado, associando-os às ideias que estão relacionadas a tal proposição.

A partir da associação destas ideias, montamos os Quadros de Análise de cada conteúdo, no intuito de entender o protótipo ao qual esta proposição está associada e como é feita a inserção deste no imaginário popular sobre violência. Por fim, elencamos outras ideias mais genéricas, que também estão associadas às proposições do Fantástico. ´

A seguir, está a estrutura básica deste.

Quadro 3 – Quadro de Análise dos conteúdos

	Ideia 1	Ideia 2	Ideia 3	Ideia 4
A) Identificação do Protótipo				
B) Inserção do protótipo				
C) Associação final				

Fonte: Adaptado de Spink (2009)

A partir da esquematização feita no Quadro de Análise de cada conteúdo, construímos os Mapas de Associação das Ideias. Estas figuras mostram as ideias às quais os trechos selecionados das matérias estão associados, mostrando de forma mais clara a aplicação dos conceitos de ancoragem e objetivação na construção do discurso do Fantástico sobre violência, e revelando de maneira bem clara como as ideias estão associadas.

Estes Mapas, porém, só foram feitos em cinco Categorias de Análise. Esta escolha metodológica partiu da percepção de que as ideias que compõem as representações sobre violência se repetem no discurso do Fantástico e, na maioria das vezes, os conceitos apresentados pelo programa são os mesmos, independentemente de qual contexto está sendo representado. Desta forma, para a elaboração dos Mapas, escolhemos as matérias mais representativas entre os doze conteúdos analisados.

CAPÍTULO 5 – Análise

Este capítulo tem como objetivo discutir sobre as representações da violência no Fantástico, a partir da análise das matérias exibidas no programa em 2015. A intenção é fomentar o debate e a reflexão sobre a temática da violência na mídia, observando as particularidades da construção do discurso e das representações sobre o tema neste contexto.

Esta discussão será baseada nas reflexões propostas por Porto (2010) sobre as múltiplas raízes do fenômeno da violência. Assim, é importante considerar que

“[...] Ainda que se possa admitir que a violência venha apresentando um componente difuso, no sentido de que penetra a quase totalidade do tecido social, não é viável pensá-la como fenômeno singular, a ramificar-se uniformemente pelo conjunto social. Ao contrário; não existe violência, no singular, mas violências, cujas raízes são múltiplas e cuja identificação é complexa [...]” (PORTO, 2010, p. 15).

Para cumprir tal tarefa, analisamos as cinquenta e duas edições do programa Fantástico, que foram exibidas entre os dias 4 de janeiro de 2015 e 27 de dezembro de 2015. Deste total, destacamos cinquenta e seis conteúdos cujas temáticas estão relacionadas a este fenômeno.

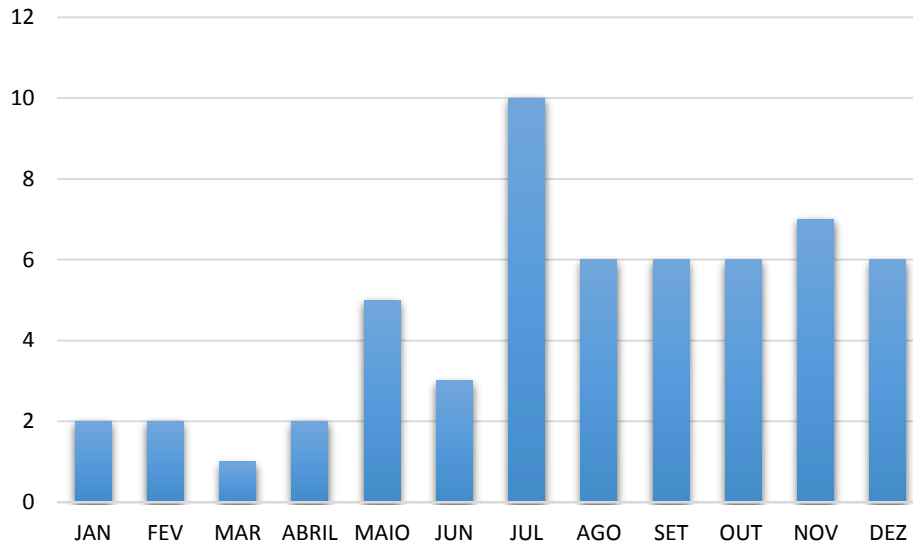
5.1 Dados Gerais

Nossos primeiros esforços no sentido de desenvolver a análise dos dados se deu no sentido de obter informações gerais, que dizem respeito às principais características representadas pelo Fantástico, em 2015.

Neste sentido, obtivemos três gráficos gerais, que mostram onde essa violência ocorreu e dizem respeito à qual parte do Brasil é representada na cobertura dita nacional do Fantástico e sobre os gêneros jornalísticos utilizados pelo programa em 2015.

O gráfico a seguir mostra a distribuição ao longo do ano dos conteúdos telejornalísticos analisados. É importante destacar que em maio, julho e setembro, foram exibidas matérias relacionadas à violência em todas as edições do Fantástico.

Gráfico 1 - Distribuição dos conteúdos sobre violência exibidos no Fantástico em 2015

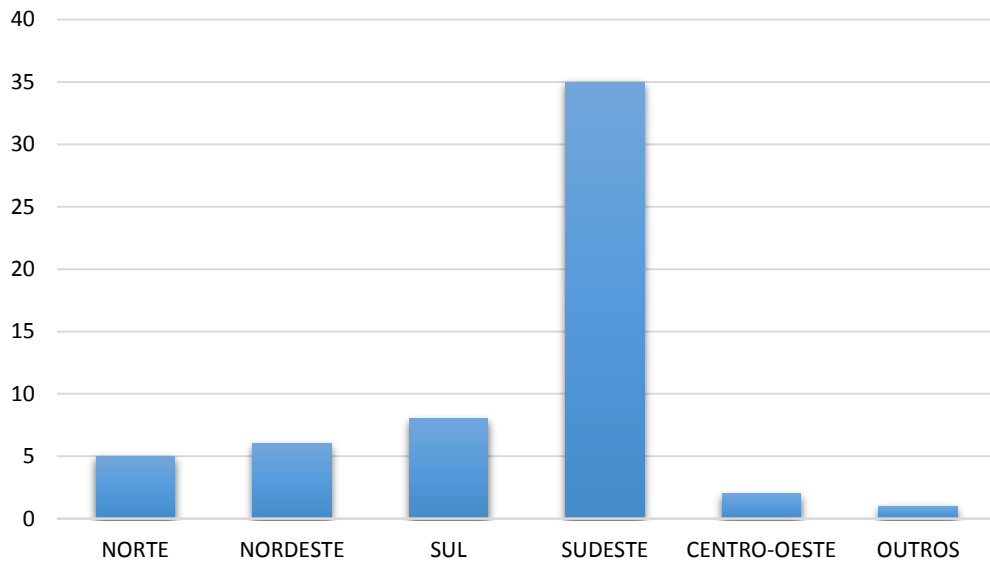


Fonte: Desenvolvido pela autora

A figura mostra que, nos primeiros meses do ano, foram exibidos poucos conteúdos voltados a esta temática. As representações, no entanto, vão se tornando mais presentes na grade do programa com o passar do tempo. No mês de julho, é registrado o maior número de conteúdos sobre violência (totalizando dez matérias). Nos outros meses que compõem o segundo semestre do ano, este número cai um pouco, porém, o assunto continua sendo citado de maneira expressiva até dezembro, o último mês de exibição do programa.

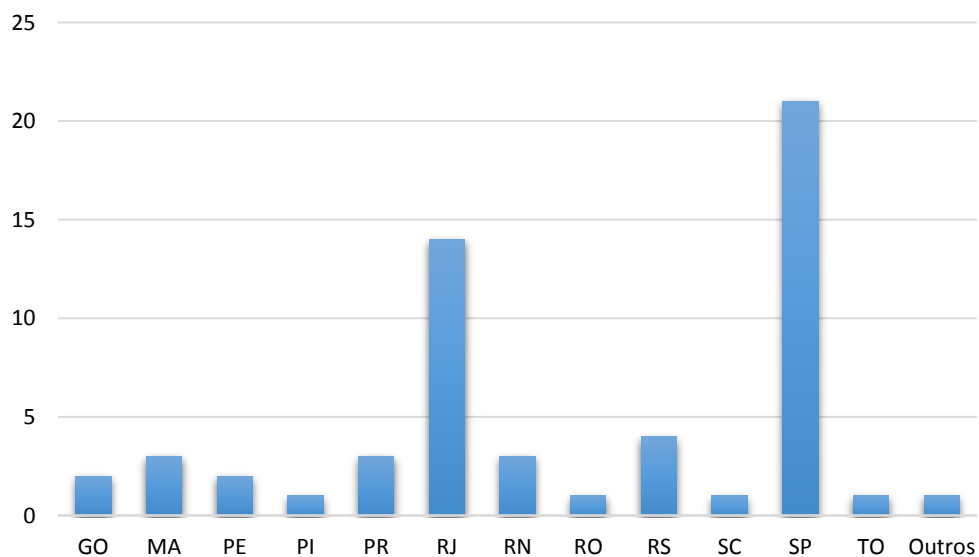
Após este mapeamento inicial, nossos esforços se concentraram em entender qual era o perfil da violência que o Fantástico estava abordando. Por este motivo, separamos as matérias por estados e por regiões, como ilustrado nos gráficos a seguir.

Gráfico 2 - Divisão por região dos conteúdos sobre violência exibidos no Fantástico em 2015



Fonte: Desenvolvido pela autora

Gráfico 3 - Divisão por estado dos conteúdos sobre violência exibidos no Fantástico em 2015



Fonte: Desenvolvido pela autora

Os gráficos exibidos indicam que a maior parte dos casos de violência representados pelo programa acontecem na região sudeste do País, mais especificamente nos estados de São

Paulo e do Rio de Janeiro. Assim, alguns estados brasileiros e o Distrito Federal não estão contemplados na cobertura de violência feita pelo Fantástico em 2015.

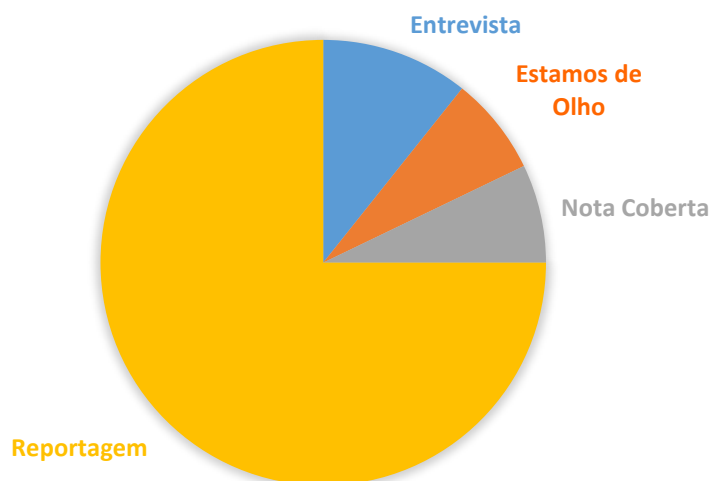
A violência apresentada e representada pelo programa, torna-se, então, um recorte específico deste fenômeno no Brasil, baseado no eixo Rio-São Paulo. Por este motivo, esta cobertura não tem legitimidade para generalizar ou abordar o fenômeno da violência a partir de perspectivas totalizantes.

Assim, é importante ressaltar que apesar do apelo nacional do programa, os casos de violência aqui estudados não podem ser usados como indicativo de crescimento ou de declínio dos casos de violência que ocorreram no País. Esta afirmativa tem o intuito de desmistificar a ideia (ainda muito presente no imaginário dos telespectadores) de que a mídia e, em especial, os programas de âmbito nacional são um “termômetro” e um indicativo dos níveis de violência no País.

O passo seguinte desta observação se deu no intuito de separar os conteúdos por gênero jornalístico. A partir da análise sistemática dos dados, concluímos que estes estão divididos em quatro gêneros: Reportagem (75%); Entrevista (11%), Nota Coberta (7%), Estamos de Olho⁴ (7%).

A divisão dos conteúdos por gênero telejornalístico está ilustrada no gráfico a seguir.

Gráfico 4 - Divisão de conteúdos por gêneros jornalísticos



Fonte: Desenvolvido pela autora

⁴ Não há um gênero jornalístico com esta denominação, porém, consideramos importante para a construção da análise manter a nomenclatura dada pelo programa para esta subdivisão de conteúdo.

O rótulo “Estamos de Olho” diz respeito a uma particularidade na cobertura jornalística do Fantástico importante para a contextualização deste capítulo. Neste montante, estão agrupadas matérias de curta duração que, em geral são suítes, ou seja, estão relacionadas a assuntos abordados anteriormente no programa, sobre os quais a redação continua pesquisando, tempos após o ocorrido.

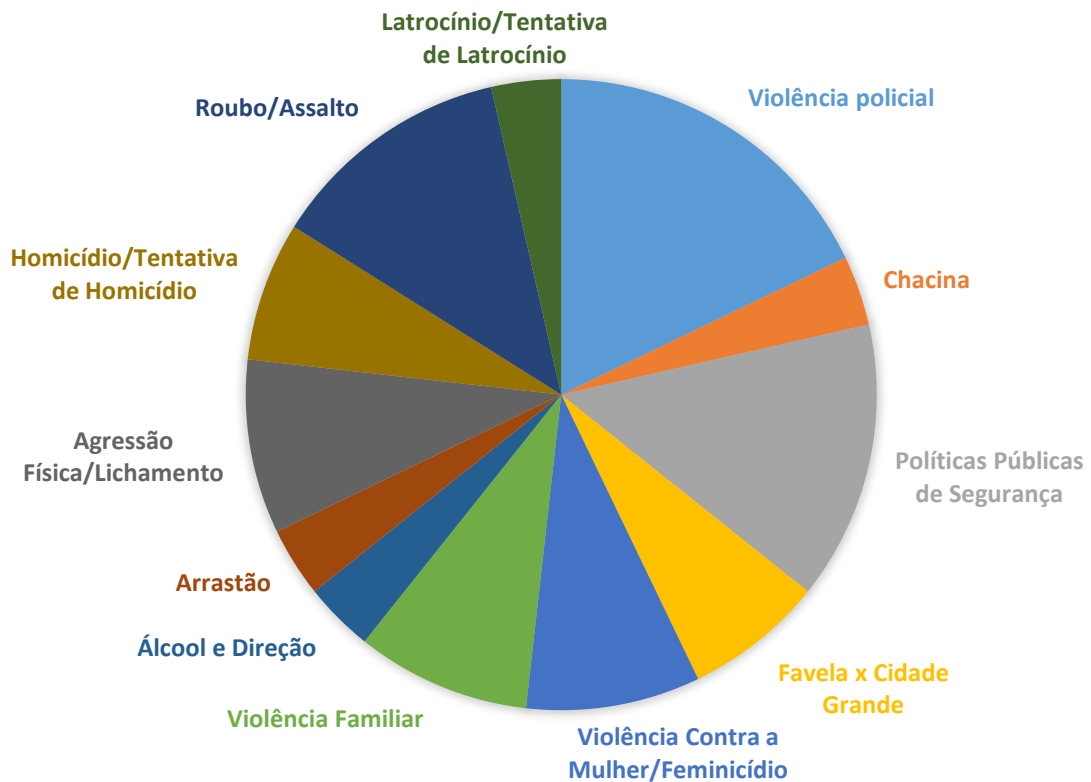
Estes conteúdos merecem destaque especial porque mostram, de certo modo, o caráter vigilante do jornalismo do Fantástico, que afirma estar atento (ou “estar de olho”) a alguns aspectos da violência, ao mesmo tempo em que ignora princípios essenciais para o desenvolvimento do debate sobre esta temática.

O passo seguinte à identificação dos gêneros telejornalísticos foi, direcionado para mostrar as múltiplas violências representadas pelo Fantástico no período estudado. Por isso, optamos por dividir estes conteúdos em categorias, agrupando-os de acordo com os assuntos abordados em cada caso.

Como resultado, foram obtidas doze Categorias de Análise. São elas: Agressão Física/Linchamento (9%)⁵; Álcool e Direção (4%); Arrastão (4%); Chacina (3%); Favela x Cidade Grande (7%); Homicídio/Tentativa de Homicídio (7%); Latrocínio/Tentativa de Latrocínio (4%); Políticas Públicas de Segurança (14%); Roubo/Assalto (12%); Violência Contra a Mulher/Feminicídio (9%); Violência Familiar (9%); Violência Policial (18%).

⁵ Cálculo de porcentagem baseado nos 56 conteúdos que compõem a amostra

Gráfico 5 - Divisão de assuntos por Categorias de Análise



Fonte: Desenvolvido pela autora

Este capítulo, então, é dedicado à análise dessas categorias. Nosso intuito é promover o debate sobre os diferentes tipos de violência presentes na cobertura do Fantástico no período estudado, apontando as particularidades de cada caso específico. Para cumprir esta tarefa, nos baseamos nas ideias de diversos autores, sendo os principais Porto (2010) e Spink (2009).

Para alcançarmos os resultados aqui exibidos, nos debruçamos sobre a teoria das representações sociais de Moscovici (2007). A sistematização dos dados em Fichas de Análise nos ajudou a compreender as principais ideias que compõem o discurso do Fantástico sobre violência, baseado nos conceitos de protótipo, ancoragem e objetivação dos quais falamos no Capítulo Teórico deste trabalho.

Por fim, é importante reafirmar que utilizamos como base dois estudos apresentados na obra de Spink (2009) para construir as Fichas de Ideias, os Quadros de Análise e os Mapas de Associação das Ideias dos conteúdos analisados, buscando compreender, a partir do desencadeamento e das associações de conceitos, de que maneira as representações são construídas no contexto do Fantástico.

5.2 Análise das Categorias

Neste tópico, estão presentes as doze categorias da violência representadas no programa Fantástico em 2015. Para dar continuidade ao trabalho, faremos uma breve discussão teórica sobre cada uma delas, com o objetivo de entender de qual tipo de violência estamos tratando, sem desconsiderar as particularidades e os principais aspectos que permeiam cada um destes universos aqui representados.

Este espaço também será destinado a apresentação e análise das Fichas de Análise das Fichas Técnicas dos doze conteúdos observados e sistematizados. Cada um pertence a uma das categorias aqui expostas e foram escolhidos aleatoriamente, como enfatizamos no Capítulo 4 deste trabalho.

Nossos esforços neste sentido sem concentraram em entender de que maneira os elementos da linguagem jornalística são usados neste contexto, ressaltando a ideia de que estas escolhas conceituais não são feitas ao acaso. Consideramos, assim, que os aspectos teóricos auxiliam na composição das apresentações e representações da violência veiculadas diariamente pelos veículos de Comunicação. Esta escolha se dá de forma estratégica, onde diferentes recursos são usados para expressar ideias distintas.

5.2.1 Agressão Física/Linchamento

Esta categoria de análise é composta por cinco conteúdos jornalísticos que abordam alguns casos de agressão física e linchamento ocorridos em 2015. Para compor esta cobertura, foram utilizados dois gêneros jornalísticos: nota coberta e reportagem.

A tabela a seguir mostra as manchetes das matérias que compõem estas categorias, extraídas do site do Fantástico⁶.

⁶ Acesso em 23/04/2016.

Tabela 3 - Manchetes e duração das matérias sobre agressão física e linchamento

Manchete	Duração (Minutos)
Vídeo mostra homem amarrado sem roupa a poste antes de ser linchado	05:11
Polícia prende suspeito de ferir três pessoas durante festa no Rio	01:15
Vídeo mostra preso por agressão na Gávea em episódio violento em posto	06:05
Homem é espancado até a morte em Ipanema, no Rio	00:42
‘Pensei que fosse falecer’, diz torcedor agredido no metrô de SP	05:11

Fonte: Desenvolvido pela autora

A primeira matéria diz respeito a um caso de linchamento ocorrido no interior do Maranhão. A segunda, apresenta um caso de agressão que aconteceu durante uma festa em um bairro de classe média alta no Rio de Janeiro. Em seguida, são apresentadas as histórias de um jovem que agiu de forma violenta em dois momentos específicos e a de um rapaz espancado até a morte em Ipanema, bairro nobre localizado na Zona Sul do Rio de Janeiro.

O último conteúdo listado foi objeto de análise desta categoria. Esta reportagem trata de um tipo específico de agressão, relacionado à violência esportiva. Esta temática, porém, não é o foco principal do conteúdo e aparece de maneira muito tímida na cobertura do Fantástico em 2015.

Por estes motivos, optamos por não criar uma categoria específica para tratar das questões relacionadas à violência esportiva, apesar de considerarmos que este tema, quando representado de maneira expressiva, deve ser analisado a partir de suas particularidades. A opção de agregar este conteúdo nesta categoria e analisa-lo sob a ótica das agressões físicas, deu-se a partir do entendimento que a própria cobertura do programa não deu destaque suficiente para as questões da violência no âmbito esportivo.

A Ficha de Análise e a Ficha Técnica construídas a partir da observação desta reportagem ajudam a entender de que forma o Fantástico constrói as representações sobre este tipo de violência. No que diz respeito ao *lead* da matéria analisada, a fala dos apresentadores mostra o aspecto sensacionalista do conteúdo, reforçado pelo BG de suspense que acompanha boa parte da narrativa.

As imagens apresentadas também têm o intuito de causar choque e espanto no telespectador. São imagens do circuito interno de câmeras do metrô, onde ocorreram as

agressões e mostram, na íntegra, todas as ações dos acusados, enquanto o jornalista narra o ocorrido, destacando os principais momentos, quando os agressores dão chutes e socos e quando um deles sobe em um dos bancos do vagão para pisar em uma das vítimas. Neste momento, o *border* é utilizado diversas vezes, com o objetivo de direcionar o olhar de quem assiste à reportagem para um ponto bem específico da tela.

Os *closes* nas algemas e na tatuagem de um dos suspeitos também ajudam a caracterizar a violência e atuam no sentido de mostrar quem são estes agressores. A fala de uma das vítimas encerra a matéria, reforçando a ideia de insegurança e o ponto de vista deste conteúdo.

As aspas e frases destacadas na Ficha de Análise nos ajudam a compreender as principais ideias apresentadas na reportagem, como destacado na Ficha de Ideias apresentada a abaixo. Para cumprir tal tarefa, utilizamos a metodologia proposta por Spink (2009) no texto *O Trabalho do Psicólogo na Sociedade*, onde a autora tentou entender de que forma a psicologia é representada a partir das ideias expressas nas falas de alguns psicólogos.

Neste trabalho, a metodologia posposta foi adaptada para tentar captar as principais ideias apresentadas pelo Fantástico nos conteúdos analisados. A baixo, está a Ficha de Ideias relativa a reportagem analisada nesta categoria.

Figura 1 - Ficha de Análise sobre agressão física e linchamento

<p>1. Até então, a gente nunca se envolveu em brigas, até porque a gente não frequentava jogos do Corinthians. Nunca tivemos nenhum tipo de encrenca, de rixa com alguém de torcida organizada</p>	<p>2. Segundo pesquisas recentes, 60% dos torcedores que deixam de ir ao estádio de futebol é por causa da violência, principalmente das torcidas organizadas.</p>
<p>4. [...] Já foi investigado por envolvimento em outras brigas.</p>	<p>3. Não foi uma briga motivada por ofensas dentro do trem.</p>

Fonte: Adaptado de Spink (2009)

Ideias:

1. Culpa da vítima; 2. Violência causadora de si mesma; 3. Naturalização; 4. Fenômeno centrado no indivíduo.

Quadro 4 - Quadro de Análise sobre agressão física e linchamento

	Ideia 1	Ideia 2	Ideia 3	Ideia 4
A) Identificação do Protótipo	Na hora errada, no lugar errado.	Fenômeno isolado.	Briga por ofensa é mais comum.	Fez uma vez, fará novamente.
B) Inserção do protótipo	A culpa é transferida pra vítima, que tem que se justificar, provando que é inocente.	Violência é colocada como um fenômeno isolado, sem solução e que tem causa em si mesmo.	Agressões motivadas por ofensas são naturalizadas e justificadas.	Violência é representada sob a perspectiva individual.
C) Associação final	Tentativa de culpar a vítima.	Falta de contextualização do fenômeno.	Tentativa de justificar a violência.	Culpa é apenas do agressor.

Fonte: Adaptado de Spink (2009)

Nesta matéria, a violência é representada sob a perspectiva de quatro ideias principais: a culpa da vítima, que sempre tem que provar sua inocência e deixar claro suas boas intenções; a noção de que violência é um fenômeno que não tem causa externa e que se dá por si mesmo, isentando de responsabilidade as outras partes da esfera social, como a sociedade e o Estado; a naturalização do fenômeno, reforçando a ideia de que a violência ocorre independente de qualquer variável; a ideia de que a principal causa do fenômeno é o indivíduo que comete o crime, mais uma vez ignorando o papel das diversas partes que compõem a esfera social.

No Quadro de Análise, estas ideias foram associadas a protótipos do senso comum, muito presentes nas representações sobre violência apresentadas neste trabalho, em uma tentativa de mostrar outras formas de representação destas ideias, explorando seus diversos significados.

5.2.2 Álcool e Direção

Esta categoria é composta por duas reportagens que tratam de acidentes de trânsito nos quais os motoristas haviam feito uso de álcool antes de dirigir. Estes fatos ocorreram em São Paulo e no Paraná, como mostra a tabela a seguir, referente as manchetes e duração de cada conteúdo.

Tabela 4 - Manchetes e duração das matérias sobre álcool e direção exibidas no programa em 2015

Manchete	Duração (Minutos)
Ex-deputado que matou 2 jovens no PR revela ter bebido antes de dirigir	04:52
‘Ela dava risada’, diz testemunha de atropelamento que matou dois em SP	06:38

Fonte: Desenvolvido pela autora

A primeira reportagem trata de um acidente ocorrido em 2009, que envolveu o então deputado federal Luiz Fernando Ribas Carli Filho. O conteúdo apresentado pelo Fantástico tem como gancho a proximidade do julgamento do caso, marcado para os primeiros meses de 2016.

O segundo conteúdo apresenta um atropelamento que ocorreu em São Paulo em 2015. Uma jovem de classe média atingiu dois homens que cumpriam o expediente de trabalho durante a madrugada. No momento do ocorrido, eles pintavam a ciclofaixa de uma avenida da cidade. A motorista estava acima do limite de velocidade e dirigia embriagada.

As duas fichas obtidas a partir da análise da matéria sobre o caso do ex-deputado Luis Fernando Ribas Carli Filho mostram quais ferramentas foram utilizadas para contar a história e resumem as principais ideias que permeiam este universo, construindo as representações sobre violência no contexto do Fantástico.

Mais uma vez, as ideias do suspense e do sensacionalismo estão presentes. Isto é mostrado através do uso de BG de suspense e tensão e também fica evidente no processo de escolha das fontes e na fala final, que é da mãe de uma das vítimas. Porém, apesar do tom inquisitório da matéria, que mostra o local do julgamento, a cadeira dos réus e expressa de maneira bem clara a opinião sobre o acusado, a caracterização deste não é feita de forma tão estereotipada, como em outros casos.

A escolha do gênero jornalístico também chama atenção. O programa não entra em contato com o acusado, apenas o advogado dele é entrevistado. Em outros casos que serão analisados nas outras categorias, o acusado é entrevistado e largamente questionado sobre os fatos que ocorreram. Há casos em que a redação procura a família para dar algum tipo de esclarecimento. Neste conteúdo, no entanto, a fala do advogado basta.

Sabemos que isto depende da disponibilidade da fonte e de outras variáveis que não estão sob controle da redação, porém, não é citado na matéria que o Fantástico tentou falar diretamente com o ex-deputado e obteve uma resposta negativa.

A seguir, apresentaremos a Ficha de Ideias e o Quadro de Análise relativos a este conteúdo.

Figura 2 - Ficha de Análise sobre álcool e direção

<p>1. Na rua, havia vários radares com câmera, mas as imagens nunca foram encontradas.</p>	<p>2. Na época, a carteira de Carli Filho estava suspensa, com 130 pontos. Ele tinha 30 multas, 23 por excesso de velocidade.</p>
<p>4. O julgamento vai ser um divisor de águas. Na realidade, ele vai mostrar ao País, que esses casos não são meras fatalidades.</p>	<p>3. Nunca havia sido é... Notificado para entregar a carteira.</p>

Fonte: Adaptado de Spink (2009)

Ideias:

1. Naturalização; 2. Fenômeno centrado no indivíduo; 3. Julgamento; 4. Justiça.

Quadro 5 - Quadro de Análise sobre álcool e direção

	Ideia 1	Ideia 2	Ideia 3	Ideia 4
A) Identificação do Protótipo	Ocultar provas é comum.	Dirigir com carteira suspensa é inaceitável.	Fala do acusado é duvidosa.	Fazer a justiça acontecer.
B) Inserção do protótipo	A ideia de que as provas sumiram ou foram apagadas é colocada de forma natural.	Violência é colocada como um fenômeno isolado e a culpa é apenas do indivíduo que cometeu o crime.	Afirmção do acusado é colocada sob dúvida.	O julgamento é visto como a solução de todos os problemas.
C) Associação final	Tentativa de naturalizar um crime.	Responsabilidade de fiscalização do Estado é ignorada.	Justiça é feita pela mídia, que diz quem é inocente ou não.	Solução é julgamento, cadeia.

Fonte: Adaptado de Spink (2009)

A análise mostra que, apesar de curta, a matéria é bem apurada e conta com trechos do depoimento do ex-deputado, imagens do circuito interno de câmeras feitas por um estabelecimento próximo, no dia do acidente, em 2009, aspas de diversas fontes, etc.

Porém, a reportagem não busca identificar a raiz do problema e questionar sobre a falta das imagens dos radares e a responsabilidade do Estado em fiscalizar os motoristas que dirigem com carteiras irregulares.

No final da reportagem, a fala da mãe de uma das vítimas sugere que o julgamento é a solução do problema. Ignorando, mais uma vez, os aspectos múltiplos deste tipo de violência, que devem ser amplamente discutidos e que necessitam da atuação do Estado de diversas formas.

5.2.3 Arrastão

As reportagens desta categoria tratam do arrastão, uma modalidade específica de assalto coletivo. Em 2015, o Fantástico abordou dois casos relacionados à esta temática, como mostra a tabela a seguir.

Tabela 5 - Manchetes e duração das matérias sobre arrastão

Manchete	Duração (Minutos)
Câmeras da PM identificam suspeito a 2 km de distância nas praias do Rio	05:08
Vítimas lembram de arrastões em SP: ‘Vieram todos na minha direção’	07:00

Fonte: Desenvolvido pela autora

A primeira matéria apresenta um caso de arrastão que ocorreu em uma praia na Zona Sul do Rio de Janeiro e mostra as medidas que a polícia está tomando para identificar os suspeitos destes crimes por meio da instalação de câmeras. E, assim, evitar que novos casos aconteçam naquela região.

A segunda reportagem mostra uma esquina em um bairro nobre de São Paulo, onde já ocorreram diversos arrastões. Neste caso, as histórias são contadas da perspectiva das vítimas, que relatam os detalhes das violências que sofreram ao passarem por aquele local.

As Fichas deste conteúdo mostram as variadas ideias presentes nesta reportagem. Em destaque, está a questão do policiamento como apoio e solução de problemas. O Fantástico não procura a raiz e não explora as mais variadas causas dos arrastões em São Paulo, ou até mesmo no Morumbi, bairro onde está localizada a tal esquina. A ideia central é que a Polícia precisa ser efetiva e atuar com mais força, isso é colocado como a melhor forma de resolver problemas como este.

É importante ressaltar também que as principais fontes da matéria são as próprias vítimas, que relatam as violências que sofreram. A única fonte externa é o Secretário de Segurança Pública de São Paulo, que reforça a ideia de que a criminalidade e a violência são fenômenos isolados, que devem ser combatidos.

A música de suspense, os *closes* nas mãos e bocas das vítimas, as imagens de arquivo que mostram crimes anteriores e a fala de uma das vítimas, que encerra a matéria ajuda a

compor o cenário de terror, insegurança e medo. A seguir, estão a Ficha de Ideias e o Quadro de Análise desta reportagem.

Figura 3 - Ficha de Ideias sobre arrastão

<p>1. Eu me senti muito impotente, vendo as coisas acontecerem e eu não ter o apoio da polícia.</p>	<p>2. Eu coloquei a toca, um cordão, fechei bem assim no rosto e o tempo todo dirigindo com a mão mais embaixo no volante, com medo de perceberem que era uma mulher que estava dirigindo.</p>
<p>4. Em pleno domingo, 2h da tarde você ser assaltado... Ninguém merece.</p>	<p>3. Luta contra a criminalidade.</p>

Fonte: Adaptado de Spink (2009)

Ideias:

1. Policiamento é efetivo; **2.** Naturalização; **3.** Violência como fenômeno isolado; **4.** Culpa da vítima.

Quadro 6 - Quadro de Análise sobre arrastão

	Ideia 1	Ideia 2	Ideia 3	Ideia 4
A) Identificação do Protótipo	Polícia é a solução.	Mulher está mais vulnerável.	Bem X Mal.	Hora errada, lugar errado.
B) Inserção do protótipo	Violência é resolvida com a ação da polícia.	Violência atinge mais as mulheres.	Violência é fenômeno isolado, que tem	Violência só deve acontecer durante a noite,

			fim em si mesmo.	em locais ou horários “impróprios”.
C) Associação final	Polícia é solução para violência.	Usar disfarce de homem para se proteger é normal.	Bem e mal tem delimitações bem claras. Polícia é bem. Bandido é mal.	Quem anda em determinada hora e local, está mais suscetível à violência.

Fonte: Adaptado de Spink (2009)

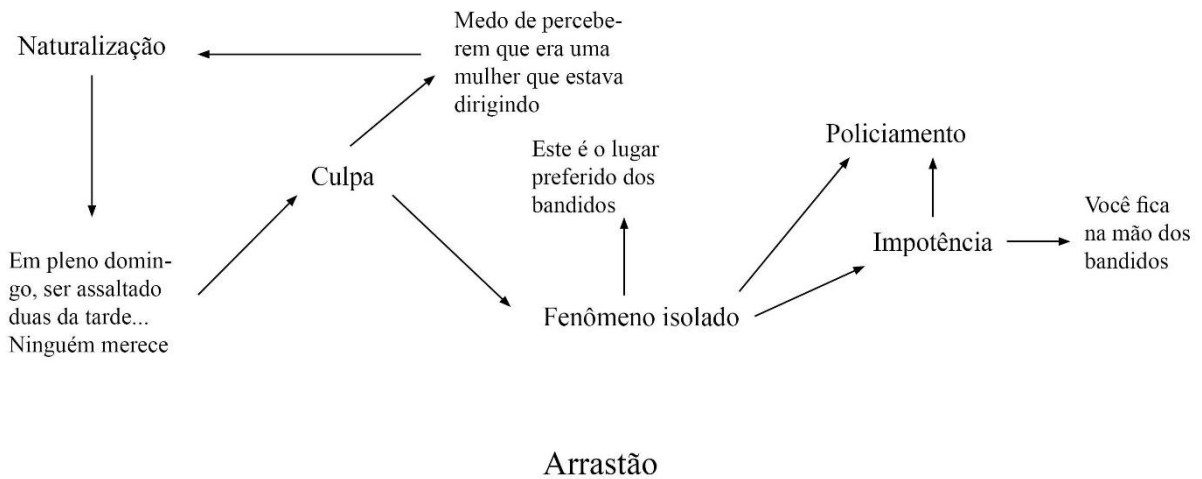
A análise acima mostra as principais ideias presentes nesta reportagem, elas ajudam a compor o cenário de representação da violência no Brasil e estão associadas, principalmente às crenças de que a polícia é a melhor solução para o fenômeno da violência, que a mulher é o elo mais fraco desta relação e, por isso, é mais seguro sair de casa com vestimentas que pareçam as de um homem.

Também está presente a ideia de que existem dois lados deste fenômeno, um deles é composto pela polícia e pelos agentes do Estado e representa o “bem” e a “solução”. Do outro, estão os bandidos e os criminosos que são pessoas “ruins” e representam o “mal”. Além de dualista, esta visão reduz o fenômeno da violência a uma perspectiva simplista, deixando de considerar os múltiplos fatores que permeiam este universo.

Por fim, também é apresentada a ideia de que existem lugar e hora certos para a prática de crimes. Na visão exposta pela matéria, é inaceitável ser assaltado domingo às duas da tarde. Isso, além de naturalizar a violência, é uma tentativa de culpar a vítima, que torna-se, de certo responsável pela ação criminosa, já que estava em determinado local e hora.

A seguir, veremos o Mapa de Associação das Ideias relacionado a este conteúdo. Neste momento da Análise, procuramos entender de que forma estes protótipos estão associados entre si e quais as principais ideias representadas nestes conteúdos.

Figura 4 – Mapa de Associação das Ideias sobre arrastão



Fonte: Adaptado de Spink (2009)

O mapa acima mostra o encadeamento das ideias apresentadas ao longo desta matéria. A análise da figura nos faz perceber que os conceitos de naturalização, culpa são amplamente utilizados e a violência é representada como um fenômeno isolado.

Da mesma forma, as causas da violência estão associadas à impotência das vítimas, e este fenômeno é colocado sob um ponto de vista onde o policiamento seria a solução, desconsiderando os aspectos múltiplos que compõem este fenômeno.

5.2.4 Chacina

Esta categoria é composta por uma reportagem e uma nota coberta, que tratam de duas chacinas ocorridas em São Paulo. Este tema também aparece em outras matérias da amostra, porém, as matérias que citam o envolvimento de policiais em chacinas foram alocadas na categoria Violência Policial.

Abaixo, a tabela mostra as manchetes e a duração dos conteúdos que compõem esta categoria

Tabela 6 - Manchetes e duração das matérias sobre chacina

Manchete	Duração (Minutos)
Chacina deixa oito mortos na quadra de torcida do Corinthians em SP	02:04
Corpos de jovens mortos em chacina em Carapicuíba (SP) são enterrados	00:30

Fonte: Desenvolvido pela autora

A tabela mostra que este assunto teve pouco destaque na cobertura do Fantástico de 2015. Além do número de matérias ser pouco expressivo, estas são de curta duração e, por isso, não trazem diversas visões sobre o fato ocorrido. Apenas apresentam estas realidades de forma corriqueira e superficial.

A primeira manchete já mostra, por si só, uma tentativa de afastar o fenômeno da violência da sociedade. A ideia de que a chacina matou oito pessoas personaliza esta ação, dando a entender que o crime ocorreu de maneira isolada.

O segundo conteúdo é uma nota coberta que mostra o enterro de jovens entregadores de pizza que foram mortos no interior de São Paulo sem nenhum motivo aparente. Diferente de outras matérias da amostra que abordam o assassinato de jovens de classe média, neste caso não há espaço para os familiares ou parentes das vítimas expressarem suas opiniões.

O gênero jornalístico deste conteúdo e sua duração já mostram certo descaso por parte do Fantástico a este acontecimento, onde quatro entregadores de pizza foram assassinados com um tiro na cabeça enquanto trabalhavam.

Além da ausência de fala dos familiares e amigos das vítimas, nota-se que a contextualização do acontecimento é feita de maneira bem sutil e nem mesmo a polícia ou os órgãos responsáveis pela segurança pública da região foram consultados.

A seguir, estão a Ficha de Ideias e o Quadro de Análise relacionados à esta nota.

Figura 5 - Ficha de Ideias sobre chacina

1. Parentes e amigos protestaram contra a violência.	2. Os rapazes tinham entre 16 e 18 anos. Todos foram baleados na cabeça.
4.	3.

Fonte: Adaptado de Spink (2009)

Ideias:

1. Violência causadora de si mesma; 2. Naturalização.

Quadro 7 - Quadro de Ideias sobre chacina

	Ideia 1	Ideia 2	Ideia 3	Ideia 4
A) Identificação do Protótipo	Violência: problema isolado.	Jovens brutalmente assassinados.		
B) Inserção do protótipo	Violência é a causa de si mesma e não tem fatores externos que a influenciam.	Violência é colocada de forma natural e cotidiana.		
C) Associação final	Violência causa violência.	Assassinato de jovens pobres é visto como normal.		

Fonte: Adaptado de Spink (2009)

Neste caso, a violência é colocada em uma perspectiva isolada, o programa sugere que o fato deve causa em si mesma e ignora, mais uma vez, os aspectos múltiplos que compõem este cenário. Não há problematização sobre o trabalho de jovens adolescentes, alguns inclusive menores de idade.

As violências abordadas nesta nota coberta, no entanto, são naturalizadas e rebaixadas a ótica do comum e do cotidiano.

5.2.5 Favela x Cidade Grande

Esta categoria é formada por quatro conteúdos, sendo três reportagens e uma nota coberta. É importante ressaltar que todos os fatos aqui apresentados ocorreram em comunidades situadas no Rio de Janeiro. Outro aspecto que chama atenção é a duração das matérias dessa categoria, que em geral são curtas, como mostra a tabela a seguir.

Tabela 7 - Manchetes e duração das matérias sobre favela x cidade grande

Manchete	Duração (Minutos)
Violência em favelas no Centro do Rio mata duas pessoas	00:31
Tirroteios voltam a assustar moradores de quatro comunidades do Rio de Janeiro	01:44
Arma apreendida com traficantes do Rio perfura aço blindado em teste	05:06
Traficantes matam mulher depois que ela e marido entraram por engano em favela de Niterói	01:54

Fonte: Desenvolvido pela autora

Nesta categoria, o único conteúdo com mais dois minutos diz respeito a um teste feito com um dos armamentos apreendidos pela polícia em uma comunidade do Rio. Na primeira manchete exibida na tabela, há a personalização da violência, que é colocada como um fenômeno que tem causa em si mesmo.

A reportagem sobre os tiroteios em quatro comunidades do Rio de Janeiro é o nosso objeto de estudo neste contexto. Apesar de tratar de um tema complexo, a matéria tem menos de dois minutos de duração. A rapidez com que os acontecimentos são mostrados é um indício

de que este problema (tiroteio com vítimas em favelas) é visto sob a ótica do normal, do corriqueiro e, por isso, não merece destaque.

As fichas construídas para análise desta matéria mostram que a ideia de que Unidades de Polícia Pacificadores (UPP) trazem segurança é bem forte no contexto do Fantástico. A citação de que muitas comunidades que contam com as UPPs têm problemas como tiroteio é como colocada na ordem do espanto, do inacreditável e reforça, mais uma vez, a ideia de que a polícia é a solução contra a violência, ignorando os aspectos múltiplos deste fenômeno.

Também chama atenção o fato de que nenhuma das vítimas têm voz na matéria. Desta forma, a violência na favela é representada a partir do ponto de vista do jornalista, que muito provavelmente é alguém de classe média ou alta, que não mora ali e, por isso, não entende as peculiaridades e a lógica de funcionamento daquele local.

Abaixo, estão a Ficha de Ideias e o Quadro de Análise relacionadas a este conteúdo.

Figura 6 – Ficha de Ideias sobre favela x cidade grande

<p>1. Mataram um pai de família, um trabalhador.</p>	<p>2. Bandidos atiraram contra PMs que faziam o patrulhamento e os policiais reagiram.</p>
<p>4. Na Rocinha, onde também há uma UPP, houve um intenso confronto entre traficantes e policiais hoje de manhã, aqui no alto da comunidade.</p>	<p>3. Testemunhas disseram que ele foi baleado na frente dos dois filhos, de três e seis anos.</p>

Fonte: Adaptado de Spink (2009)

Ideias:

1. Culpa da Vítima; 2. Violência como fenômeno isolado; 3. Naturalização; 4. Policiamento é solução.

Quadro 8 – Quadro de Análise sobre favela x cidade grande

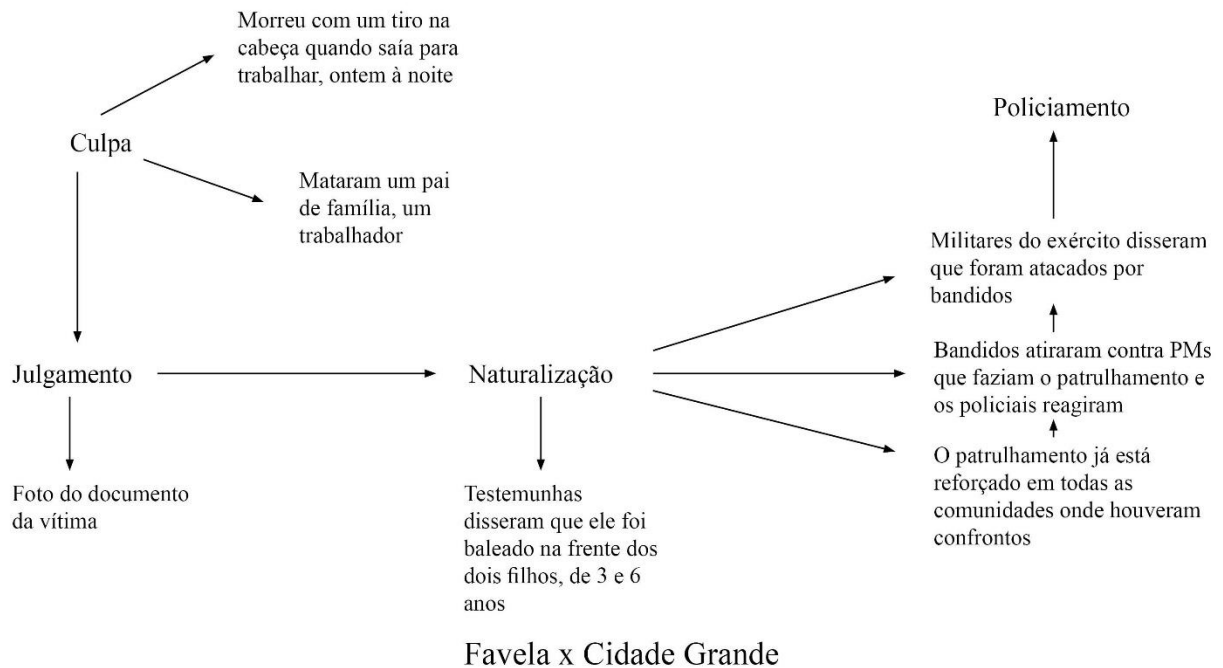
	Ideia 1	Ideia 2	Ideia 3	Ideia 4
A) Identificação do Protótipo	Na hora errada, no lugar errado.	Bem X Mal.	Crianças expostas.	Polícia é eficaz.
B) Inserção do protótipo	Violência é justificada ou não pela ocupação da vítima.	Violência sob a ótica do bandido contra a polícia.	Violência nas favelas é naturalizada.	UPPs são colocadas como solução dos problemas da favela.
C) Associação final	Vítima não é culpada, pois estava indo trabalhar.	Polícia só faz bem, bandido só faz mal.	É comum crianças verem os pais sendo assassinados.	É impressionante que isto ocorra em uma comunidade que tem UPP.

Fonte: Adaptado de Spink (2009)

A primeira ideia apresentada exprime uma tentativa de mostrar que a vítima não é culpada do que aconteceu porque estava indo trabalhar, mas deixa implícita a ideia de que se ela estivesse indo para outro lugar, ou se ela apenas estivesse na rua, este tipo de violência seria mais justificável.

Em seguida, é discutida a questão dos confrontos entre a polícia e “bandido”. A forma como este aspecto é colocado, reforça a ideia de que existem dois lados bem delimitados quando se fala de violência, ignorando, mais uma vez, os aspectos múltiplos que compõem este fenômeno.

Figura 7 – Mapa de Associação das Ideias sobre favela x cidade grande



Fonte: Adaptado de Spink (2009)

O Mapa acima mostra que as ideias da naturalização, do julgamento e da culpa estão associadas ao fato apresentado. A necessidade de comprovar a “inocência” da vítima se dá a partir da ideia de que quem morreu foi “um pai de família, um trabalhador”. Essa ideia se mostra muito forte nesta categoria, onde boa parte das vítimas pertencem às classes mais baixas da sociedade.

5.2.6 Homicídio/Tentativa de Homicídio

Quatro conteúdos compõem esta categoria, sendo uma nota coberta e três reportagens, como mostra a tabela a seguir.

Tabela 8 - Manchetes e duração das matérias sobre homicídio/tentativa de homicídio

Manchete	Duração (Minutos)
Enterro de médico agredido no campus da USP é marcado por clima de revolta e tristeza	00:43
Empresário tem filho assassinado por gangue de jovens em cidade do RS	04:13
Fantástico mostra investigação para identificar vítimas de pintor	06:20
'Deu a vida dele por mim', diz mulher feita refém na Catedral da Sé, em SP	05:20

Fonte: Desenvolvido pela autora

As matérias desta categoria tratam do enterro de um médico agredido em uma universidade em São Paulo; do caso de um jovem que foi assassinado na saída de uma festa no Rio Grande do Sul; de um homem que matou várias pessoas (na maioria mulheres) em uma favela de São Paulo e de um episódio onde uma pessoa em situação de rua que salvou uma mulher que estava saindo da Catedral da Sé, em São Paulo e foi feita refém de um homem armado.

A análise deste conteúdo mostra que a exposição dos antecedentes criminais do acusado e do homem que salvou a vítima é feita sem nenhum tipo de contextualização e não leva à reflexão sobre a ineficácia do sistema prisional e das políticas públicas de segurança no Brasil. Desta forma, são questionáveis a necessidade e a intenção de mostrar este tipo de conteúdo em rede nacional, considerando que, de certa forma, esta apresentação atua no sentido alimentar a ideia de que quem já cometeu crimes pode cometer delitos novamente.

Da mesma forma, não há reflexão no sentido de problematizar a situação das pessoas de rua. Em nenhum momento da matéria é questionado porque este homem foi para a rua ou porque ele estava em situação de rua há tantos anos. Também não é questionado o papel do Estado, que é omissivo sobre a situação destas pessoas. Há, por outro lado, uma tentativa de culpar a família do homem, que seria responsável pela sua ida às ruas.

Figura 8 – Ficha de Ideias sobre homicídios e tentativas de homicídio

<p>1. Envolveu uma mulher, que “tava” na igreja, um bandido em desespero e um herói improvável.</p>	<p>2. Ele bebeu, eles discutiram, e foi “aonde” que ele esfaqueou um rapaz.</p>
<p>4. Sempre foi presente em tudo. Ele falava assim: “Filha, está tudo bem? Você está precisando de alguma coisa?”</p>	<p>3. Tinha uma extensa ficha criminal.</p>

Fonte: Adaptado de Spink (2009)

Ideias:

1. Preconceito; 2. Fenômeno centrado no indivíduo; 3. Violência causadora de si mesma; 4. Culpa da Vítima.

Quadro 9 – Quadro de Análise sobre homicídios e tentativas de homicídio

	Ideia 1	Ideia 2	Ideia 3	Ideia 4
A) Identificação do Protótipo	Herói improvável.	Pessoa perigosa.	Criminoso.	Caráter duvidoso.
B) Inserção do protótipo	Violência é apresentada de uma perspectiva onde os “heróis” só podem ser de classe média, alta ou policiais.	Violência é colocada como um fenômeno centrado no indivíduo, não sendo considerados os fatores múltiplos deste fenômeno.	Violência é fenômeno que tem causa em si mesmo e não tem solução.	Pessoas em situação de rua são suspeitas.

C) Associação final	Pessoa em situação de rua não pode salvar alguém.	Indivíduo é violento.	Ficha criminal indica possibilidade de cometer novos crimes.	Família precisa provar que a vítima tinha boa conduta.
---------------------	---	-----------------------	--	--

Fonte: Adaptado de Spink (2009)

As ideias apresentadas acima mostram que há uma necessidade latente por parte da família de provar que uma das vítimas, que era uma pessoa em situação de rua, era inocente e, apesar de ter uma ficha criminal, tinha “bom caráter”. Assim, é notável a ideia de que a vítima é culpada, ignorando as inúmeras violências que pessoas nesta situação sofrem.

5.2.7 Latrocínio/Tentativa de Latrocínio

Esta categoria é composta por duas reportagens que apresentam casos de latrocínio e/ou tentativas de latrocínio, crime caracterizado pelo roubo seguido de morte. Os conteúdos têm média duração (entre cinco e sete minutos)⁷, como mostra a tabela abaixo.

Tabela 9 - Manchetes e duração das matérias sobre latrocínio/tentativa de latrocínio

Manchete	Duração (Minutos)
Empresário escapa de execução arquitetada por ex-gerente	05:45
Novos laudos mostram que assassino de cartunista pode não ser inimputável	06:13

Fonte: Desenvolvido pela autora

A primeira matéria apresenta o caso de um empresário do Rio Grande do Sul que foi sequestrado, roubado e ferido na cabeça por um de seus ex-funcionários. O homem tinha a intenção de mata-lo. Nesta ocasião, o Fantástico faz a simulação do caso, entrevistou a vítima e mostrou o local onde tudo aconteceu.

⁷ Valores estabelecidos a partir da duração média dos conteúdos desta amostra.

O segundo conteúdo é uma das reportagens mais representativas da amostra e trata do caso de um homem acusado de assassinar um cartunista famoso e seu filho, há alguns anos. Na ocasião, o acusado foi considerado inimputável, já que os laudos apontaram que ele sofria de esquizofrenia, uma patologia psíquica sem cura que faz com que a pessoa perca a noção de seus atos.

Alguns anos depois, Cadu (como o acusado é chamado na matéria) foi solto e voltou a cometer latrocínio. As vítimas, desta vez, foram dois homens de classe média. Porém, uma nova avaliação das condições psíquicas do acusado mostrou que ele não sofre da doença antes diagnosticada.

O que mais chama atenção, neste caso, é a forma como Cadu é representado na matéria. São usados efeitos sonoros e visuais para reforçar alguns estereótipos sobre pessoas com instabilidade emocional ou psicológica.

As aspas escolhidas para compor a matéria deixam bem claro o ponto de vista da reportagem, que representa o acusado sob a ótica do homem perigoso e sem estabilidade psicológica e enfatiza a fala das mães das vítimas, que “clamam por justiça”.

Não há, porém, nenhum questionamento sobre a reabilitação deste rapaz, que foi considerado inimputável nos primeiros laudos. A reportagem é construída sob o viés sensacionalista, onde o programa tenta construir uma atmosfera de medo e terror, por meio dos BGs utilizados e também dos efeitos visuais, que focam nos olhos e no rosto do acusado, que além de estar sujo de sangue, apresenta um semblante assustado e confuso, sempre com os olhos bem arregalados.

A seguir, estão as principais ideias apresentadas na matéria.

Figura 9 – Ficha de Ideias sobre latrocínio/tentativa de latrocínio

<p>1. Segundo os próprios laudos apontam, ele tomou gosto pela prática de novos crimes.</p>	<p>2. Não tem condição de um cara ficar solto não. Uma pessoa dessa ficar solta? Não tem lógica.</p>
--	---

<p>4. Eu não quero que outras mães passem o que eu “tô” passando.</p>	<p>3. As famílias esperam por justiça.</p>
--	---

Fonte: Adaptado de Spink (2009)

Ideias:

1. Fenômeno centrado no indivíduo; **2.** Marginalizado; **3.** Justiça; **4.** Prisão.

Quadro 10 – Quadro de Análise sobre latrocínio/tentativa de latrocínio

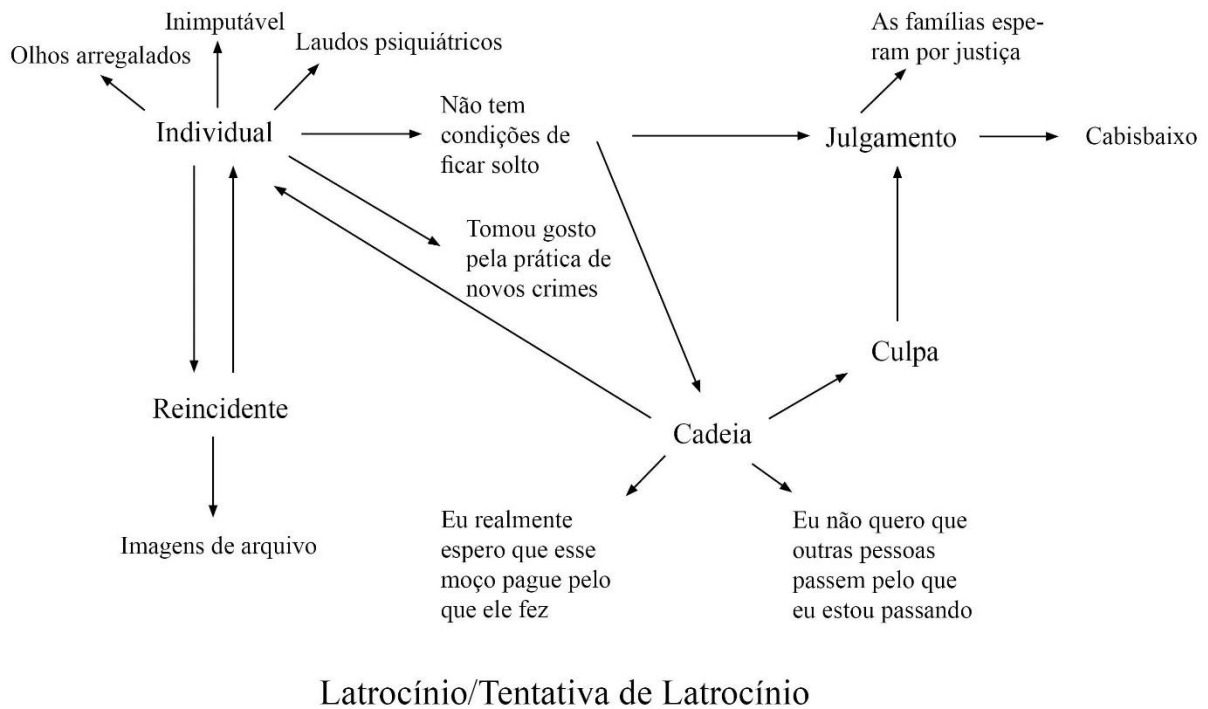
	Ideia 1	Ideia 2	Ideia 3	Ideia 4
A) Identificação do Protótipo	Gosta de praticar crimes.	Monstro.	Justiça	Prisão é solução.
B) Inserção do protótipo	Violência como fenômeno centrado no indivíduo.	Violência como divisor de águas. Os bons merecem ficar soltos; os ruins, presos.	Cadeia como única forma de justiça.	Violência será solucionada se aqueles que a cometem forem presos.
C) Associação final	Cadu é culpado e responsável por seus atos.	Cadu é capaz de cometer tamanha barbaridade.	Cadu merece ir pra cadeia.	Cadeia como solução de todos os problemas.

Fonte: Adaptado de Spink (2009)

As ideias acima mostram uma tentativa do Fantástico de representar o agressor como um sujeito que é culpado e responsável por seus atos. A ideia do monstro é interessante porque, de certa forma, separa o agressor da sociedade, colocando-o em uma posição destacada e

concentrando toda a culpa neste indivíduo, desconsiderando, mais uma vez, os aspectos múltiplos da violência.

Figura 10 – Mapa de Associação das Ideias sobre latrocínio/tentativa de latrocínio



Fonte: Adaptado de Spink (2009)

O Mapa acima mostra o encadeamento das principais ideias apresentadas – e representadas – na matéria analisada nesta categoria. Mostra-se presente, então, as concepções de que a violência é um fenômeno com raízes individuais, e que aqueles que são reincidentes têm mais chances de estarem envolvidos em fatos desta natureza.

A prisão é colocada na perspectiva da solução de problemas, e o julgamento da mídia, associando o acusado à ideia de culpa, destaca a perspectiva das famílias, que veem a condenação do indivíduo como um ato de justiça.

5.2.8 Políticas Públicas de Segurança

As matérias presentes nesta categoria abordam temáticas relacionadas à realidade dos presídios no Brasil. São oito conteúdos, entre eles, duas entrevistas, um Estamos de Olho e cinco reportagens. A tabela a seguir mostra as manchetes e a duração de cada um deles.

Tabela 10 - Manchetes e duração das matérias sobre políticas públicas de segurança

Manchete	Duração (Minutos)
Brasileiro se arrepende de ter revertido pena de morte para prisão perpétua	05:13
Imagens mostram tentativa de fuga de preso vestido de senhora em Goiás	05:04
Quadrilha que age dentro e fora das cadeias funciona como empresa	04:29
Presos comandam destruição dentro e fora de presídios rebelados no RN	07:16
Presos tomam chá alucinógeno em projeto social polêmico em Rondônia	13:27
Acusado de tentar matar comerciante posta foto da cadeia em rede social	00:46
Jovens revelam que diretor incentivou espancamento na Fundação Casa	09:10
Presos usam rato para traficar drogas em presídio do Tocantins	01:47

Fonte: Desenvolvido pela autora

É perceptível a expressividade desta categoria na cobertura jornalística do Fantástico. A tabela acima mostra que, além da quantidade de matérias ser considerável, a duração destes conteúdos também indica a atenção do programa para esta temática. Entre as oito matérias, duas são de curta duração, quatro são de média duração. Porém, há duas que estão bem acima da média neste quesito e, por isso, se destacam na amostra.

Uma delas diz respeito a um projeto social que usa chá alucinógeno como tratamento de reabilitação de presidiários em Rondônia. A outra, apresenta um caso de agressão na Fundação Casa, centro de reabilitação de jovens infratores em São Paulo.

A matéria analisada nesta categoria diz respeito a uma tentativa de fuga em um presídio em Goiás. O que mais chama atenção, neste caso, é o uso de elementos cômicos durante a composição da narrativa.

As fichas obtidas por meio da análise deste conteúdo mostram a naturalização dos problemas nos presídios no Brasil. Na visão da advogada do homem que tentou escapar, é

natural entrarem objetos não permitidos, como armas e drogas, nos complexos penitenciários. Abaixo, destacamos as quatro principais ideias da matéria.

Figura 11 – Fichas de Ideias sobre políticas públicas de segurança

<p>1. Um plano maluco, mas que por pouco não deu certo.</p>	<p>2. Entram muitas coisas em presídio. Se entram armas, não vai entrar máscara?</p>
<p>4. Clodoaldo recebeu uma punição disciplinar. Foi transferido para o Presídio de Segurança Máxima, onde os presos não recebem parentes. Com ele, os agentes de segurança não precisam mais se preocupar em dia de visita.</p>	<p>3. Embora não tivesse lá dentro do presídio um comportamento violento, ele praticou crimes graves.</p>

Fonte: Adaptado de Spink (2009)

Ideias:

1. Comicidade; 2. Naturalização; 3. Violência causadora de si mesma; 4. Fenômeno centrado no indivíduo.

Quadro 11 – Quadro de Ideias sobre políticas públicas de segurança

	Ideia 1	Ideia 2	Ideia 3	Ideia 4
A) Identificação do Protótipo	Engraçado.	Normal/Cotidiano.	Violento.	Culpa.
B) Inserção do protótipo	Violência dentro dos	Violência é naturalizada e	Violência não tem solução.	Violência é algo intrínseco no infrator.

	presídios é naturalizada.	vista sob a ótica do cotidiano.		
C) Associação final	Hilário, criativo.	Acontece sempre, por isso, é normal.	Crime cometido determina a personalidade.	Violência está no indivíduo.

Fonte: Adaptado de Spink (2009)

São usados elementos cômicos para justificar e naturalizar a violência dentro da Penitenciária. A tentativa de fuga é vista como criativa, hilária, inusitada. Em nenhum momento é questionada a realidade daquele contexto, pêgo.

Além disso, a ficha criminal do presidiário é exposta, como tentativa de representá-lo como um “homem violento”. Neste momento, a violência é colocada como característica do indivíduo e não como fenômeno múltiplo e plural.

5.2.9 Roubo/Assalto

Os conteúdos desta categoria dizem respeito a assaltos e/ou roubos ocorridos em alguns estados brasileiros, em 2015. São seis reportagens e um Estamos de Olho, cujas manchetes e duração estão descritas na tabela a seguir.

Tabela 11 - Manchetes e duração das matérias sobre roubo e assalto

Manchete	Duração (Minutos)
Roubos e assaltos assustam banhistas na Praia de Ipanema, no Rio	01:34
‘Queria justiça’, diz dona de mercado espancada após reagir a assalto	06:36
‘Foi arriscado’, diz mulher que reagiu com spray de pimenta a assalto no PI	04:14
Polícia recupera parte de instrumentos roubados da cantora Maria Gadú	01:24
‘Na hora, você perde a reação’, diz mulher arrancada de carro por ladrão	05:02
Testemunha diz que microempresário preso por assalto em SP é inocente	01:23
Imagens mostram médica voltando para socorrer bandido em ônibus	06:02

Fonte: Desenvolvido pela autora

Os conteúdos desta categoria têm curta e média duração. Neste sentido, se destacam duas reportagens, uma diz respeito a dois assaltos, ocorridos em São Paulo e em Pernambuco, onde uma das vítimas foi espancada pelo assaltante. A outra, apresenta um assalto a ônibus no Rio de Janeiro. O fato ganha destaque no momento em que uma médica, que estava na condução, retorna ao local para socorrer um dos acusados, que levou um tiro.

A reportagem analisada nesta categoria relata um episódio ocorrido em uma avenida em São Paulo. Uma idosa teve o carro roubado e foi retirada do veículo pelo assaltante, que a atirou na pista. Esta matéria poderia ser encaixada em uma categoria própria, relacionada a violência contra o idoso.

Porém, devido a inexpressividade desta temática na cobertura do Fantástico, em 2015, optamos por agregar o conteúdo a esta categoria mais genérica, que trata da questão dos assaltos em geral.

Esta matéria representa a violência do ponto de vista da vítima e usa de recursos de imagem, como o *replay* para deixar bem clara a atitude pouco amigável do acusado. Um dos aspectos que mais chama atenção diz respeito a ideia de que a violência tem causa em si mesma. Por diversas vezes, são usadas expressões como “vítima da violência”, que ignoram o a ideia de que este tipo de fato também é resultado da omissão do Estado.

Além disso, há uma tentativa de personificar o fenômeno da violência, transferindo a culpa do ocorrido apenas para o assaltante. É importante ressaltar também que o único problema apontado na reportagem é o número de roubos de carros, em São Paulo, que segundo estatísticas está aumentando. Nada é falado sobre a violência contra idosos, já que as duas mulheres que estavam no carro tinham mais de 65 anos.

Figura 12 – Ficha de Ideias sobre roubo e assalto

<p>1. Veja agora, com exclusividade, o relato dessa vítima da violência.</p>	<p>2. A violência dele, realmente choca. Pela cara de pau, vamos colocar assim, não estava nenhum pouco preocupado em esconder o que estava fazendo.</p>
<p>4. Você percebia que era uma pessoa altamente agressiva.</p>	<p>3. Num período de três meses, acho que três ou quatro pessoas da minha família foram assaltadas e perderam o carro.</p>

Fonte: Adaptado de Spink (2009)

Ideias:

1. Violência causadora de si mesma; 2. Naturalização; 3. Totalização; 4. Fenômeno centrado no indivíduo.

Quadro 12 – Quadro de Ideias sobre roubo e assalto

	Ideia 1	Ideia 2	Ideia 3	Ideia 4
A) Identificação do Protótipo	Violência como fenômeno isolado.	Escondido é mais aceitável.	Se aconteceu com a minha família, é real.	Pessoa perigosa.
B) Inserção do protótipo	Violência é colocada como um fenômeno isolado e causadora de si mesma.	Violência é mais aceita se o ato cometido for escondido. Ou se o ator tiver a preocupação de	A violência está aumentando, já que cada vez mais pessoas da minha família ou do meu	Violência é colocada como um fenômeno isolado e a culpa é apenas do indivíduo que cometeu o crime.

		esconder as evidências do fato.	contexto são assaltadas.	
C) Associação final	Violência é causadora de si mesma.	Faça, mas tente esconder.	Com o passar dos anos, a violência só cresce.	Estado é isento de responsabilidade.

Fonte: Adaptado de Spink (2009)

A Ficha e o Quadro ilustram a presença de ideias relacionadas a representação da violência como fenômeno isolado e com causa em si mesmo. Uma das aspás escolhidas naturaliza, de certo modo, o ocorrido, a partir da ideia de que os atores da violência devem se preocupar em esconder seus atos. Neste momento, são ignoradas as discussões relacionadas à conscientização e reabilitação destas pessoas.

O papel do Estado no combate e prevenção às violências também é ignorado. Todos os holofotes são direcionados aos indivíduos que praticam crimes, como se eles fossem os únicos responsáveis pelo ocorrido.

Também é importante discorrer sobre a totalização do discurso, encontrada na fala de uma das vítimas, que afirma que a violência está crescendo, já que várias pessoas de sua família tiveram os carros roubados em São Paulo, nos últimos três meses.

5.2.10 Violência Contra a Mulher/Feminicídio

Esta categoria é composta por duas entrevistas, duas reportagens e um Estamos de Olho, totalizando cinco conteúdos, como mostra a tabela abaixo.

Tabela 12 - Manchetes e duração das matérias sobre violência contra a mulher/feminicídio

Manchete	Duração (Minutos)
Justiça mantém pena de homem acusado de matar esposa há 25 anos	01:02
‘Me sinto um lixo’, diz assassino confesso que esquartejou a própria tia	06:07

Empregada diz que viu arma em cofre de Boldrini no dia da morte de Odilaine	05:19
Fisiculturista já estava morta quando caiu de prédio no Paraná, apontam laudos	05:52
Câmera de segurança flagra ação de estuprador em Guarulhos	01:54

Fonte: Desenvolvido pela autora

Para promover uma discussão mais completa sobre este assunto, afirmamos que consideramos feminicídio “as agressões cometidas contra uma pessoa do sexo feminino no âmbito familiar da vítima que, de forma intencional, causam lesões ou agravos à saúde que levam a sua morte” (ONU, OPAS, OMS, SEPM, 2015).

Desta forma, podemos afirmar que a temática da violência contra a mulher e do feminicídio é abordada de forma pouco expressiva na cobertura do Fantástico de 2015. O gráfico acima mostra que as matérias desta categoria são de curta e média duração, sendo que duas delas são bem pequenas (têm menos de dois minutos), apesar de tratarem de temáticas extremamente relevantes, como o feminicídio e o estupro.

O objeto de análise desta categoria é, no nosso ponto de vista, um dos conteúdos mais expressivos de toda a amostra. O repórter Valmir Salaro entrevista um rapaz que está preso acusado de assassinar, esquartejar e esconder o corpo da tia na geladeira de casa.

As Fichas relacionadas à análise desta entrevista mostram o tom inquisitório da matéria, onde o repórter acusa o entrevistado durante a maior parte do tempo. Além disso, são usadas imagens de arquivo para resgatar fatos relacionados aos antecedentes criminais do acusado, quando este ainda era adolescente.

Os closes nas algemas, nas tatuagens do homem e a menção frequente ao nazismo (com direito à exibição das imagens de Hitler) ajudam a compor o cenário do crime e a caracterizar o principal suspeito como um homem perigoso e problemático.

Porém, é importante ressaltar que a questão do feminicídio não é problematizada na matéria. A vítima, uma mulher de meia idade que foi morta em casa enquanto travava uma luta corporal com o sobrinho, é colocada como uma pessoa de temperamento difícil, como se isso de alguma forma, justificasse a violência que ela sofreu.

Figura 13 – Ficha de Ideias sobre roubo e violência contra a mulher/feminicídio

<p>1. Esse homem, capaz de cometer tamanha barbaridade, já tinha se envolvido com violência e até mesmo com nazismo.</p>	<p>2. Ele era uma pessoa que não tinha condições de convívio em sociedade</p>
<p>4. Hoje, sinceramente, depois de tudo isso eu me sinto um lixo.</p>	<p>3. Você tem como provar que você é inocente?</p>

Fonte: Adaptado de Spink (2009)

Ideias:

1. Violência causadora de si mesma; 2. Fenômeno centrado no indivíduo; 3. Julgamento; 4. Marginalização.

Quadro 13 – Quadro de Ideias sobre violência contra a mulher/feminicídio

	Ideia 1	Ideia 2	Ideia 3	Ideia 4
A) Identificação do Protótipo	Bárbaro.	Sem sanidade mental.	Culpado.	Sem solução.
B) Inserção do protótipo	Violência é colocada como um fenômeno centrado em si mesmo, sem solução.	Indivíduo é o principal agente, culpado de todos os males.	Palavra do acusado é questionada. Ele é "colocado contra a parede".	Violência como divisora social: só bons merecem viver na sociedade.
C) Associação final	Antecedentes criminais	Afastamento é melhor solução.	Mídia é agente da justiça.	Pessoas violentas

	determinam caráter.			merecem viver a margem.
--	------------------------	--	--	----------------------------

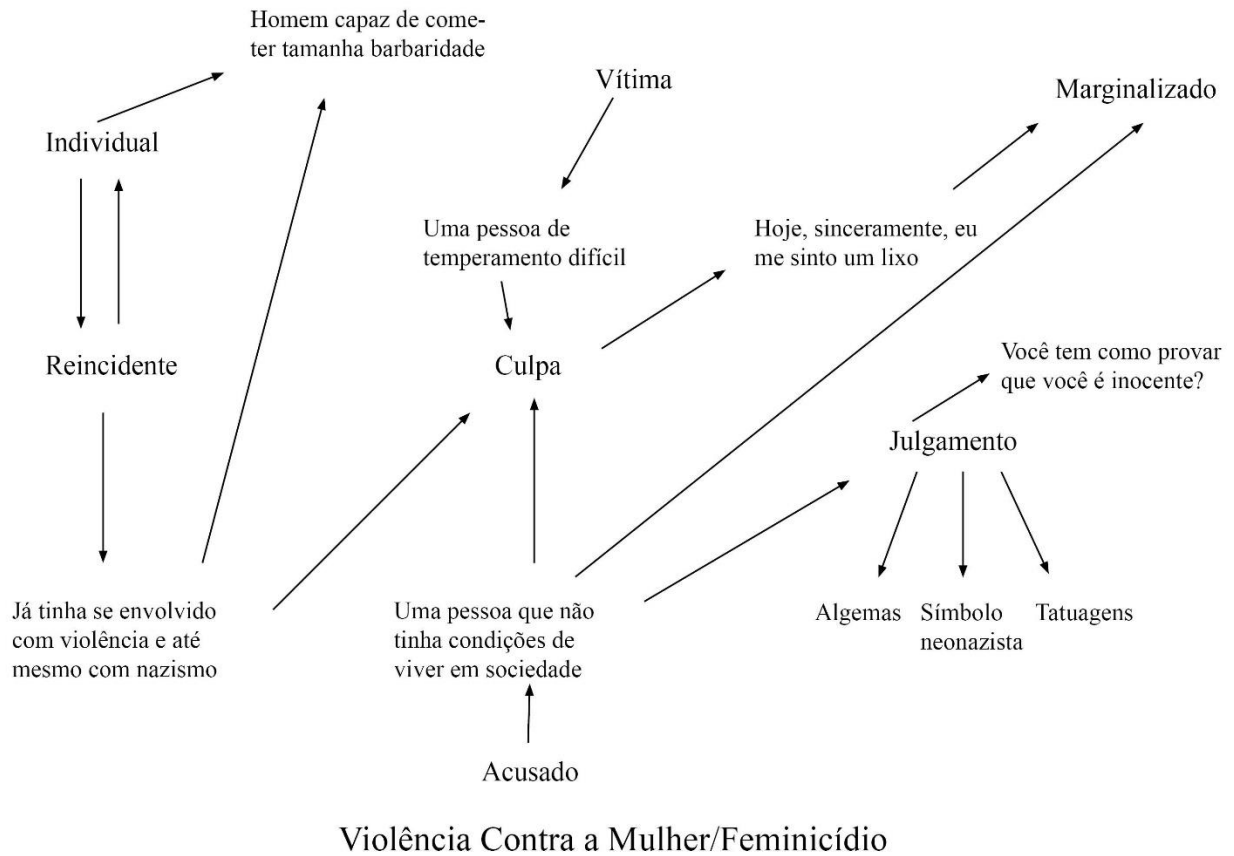
Fonte: Adaptado de Spink (2009)

O aspecto que mais chama atenção nesta matéria é a caracterização do acusado, que é colocado como um homem perigoso, consciente de seus atos e visivelmente culpado pelo assassinato e esquartejamento da tia.

Este é um dos conteúdos que mais representa o julgamento da mídia, em rito sumário, que não se conforma em apenas apresentar os fatos, mas compõe os cenários e atua na composição do imaginário social sobre a violência. Desta forma, o homem é caracterizado como bárbaro, culpado e incapaz de conviver em sociedade.

Este afastamento dos agentes da violência da sociedade mostra, de certa forma, a nossa incapacidade de lidar com este fenômeno, tão plural e por vezes tão assustador que é difícil de acreditar e de aceitar que aqueles que o cometem fazem parte da sociedade.

Figura 14 – Mapa de Representação de Ideias sobre roubo e violência contra a mulher/femicídio



Fonte: Adaptado de Spink (2009)

Mais uma vez, o Mapa mostra a representação da violência sob a perspectiva do indivíduo, dando significados distintos para a questão reincidência dos atos. A questão da culpa aqui, se mostra de uma maneira um pouco diferente, pois não só o acusado é representado como alguém perigoso e que deve ser afastado da sociedade, mas a vítima é posta no lugar de uma pessoa que tem “temperamento difícil”.

Isso mostra, de certa forma, como é abordada a questão do gênero no programa. Na categoria a seguir, por exemplo, quando nosso objeto de análise é um conteúdo que mostra um caso de uma mulher acusada de participar do assassinato do marido, o caráter da vítima não é questionado em momento algum, mas no contexto aqui apresentado, há uma tentativa de deslegitimar a vítima.

5.2.11 Violência Familiar

Duas entrevistas e três reportagens compõem esta categoria, totalizando cinco conteúdos, como mostra a tabela a seguir.

Tabela 13 - Manchetes e duração das matérias sobre violência familiar

Manchete	Duração (Minutos)
‘Não planejei, não mandei matar’, diz acusada de mandar matar o marido	08:06
Gravações mostram depoimentos de padrasto e mãe do menino Joaquim	06:41
Gravação mostra momento em que pai de Sophia chama ambulância	06:55
Pai de Sophia ficou 'agressivo e autodestrutivo', diz mãe da menina	06:02
Mãe de Sophia diz que pai da menina apresentou comportamento violento	06:39

Fonte: Desenvolvido pela autora

Neste grupo de matérias, são abordados dois casos de crianças que foram assassinadas por membros de suas famílias, são eles: “Caso Joaquim” e “Caso Sophia”. O primeiro diz respeito a um menino cujo corpo foi encontrado em um rio, dias depois do desaparecimento da criança. Os principais suspeitos são a mãe e o padrasto. O segundo, trata de uma menina de um ano que foi asfixiada no apartamento do pai, que é o principal suspeito do crime.

Nossa análise, porém, trata de uma entrevista do repórter Valmir Salaro com uma mulher acusada planejar o assassinato do marido junto ao amante. Esta também é uma das matérias que se destaca na amostra.

Mais uma vez, o julgamento midiático aparece de forma expressiva por meio das perguntas invasivas do repórter e da caracterização da acusada, que é representada como uma mulher que estragou a própria vida e a vida de seus familiares. É importante ressaltar que a postura do jornalista é diferente quando as perguntas são dirigidas a uma mulher, como acontece neste caso.

A mulher é questionada sobre seu futuro e o futuro de seus filhos. Se compararmos com a categoria anterior, onde o repórter é o mesmo, e a situação é bem similar ao ocorrido desta categoria, nota-se que, na entrevista com o homem que assassinou e esquartejou a tia (e que também é pai) não são feitas perguntas neste sentido.

Está implícito, então, a ideia de que a mulher tem a responsabilidade de cuidar do lar e dos filhos e, por isso, é ainda mais inaceitável que ela seja um dos atores da violência. Este preconceito fica bem evidente quando é mencionada a ideia de que a acusada trocou a “vida tranquila” pela rotina da delegacia, como mostram a Ficha e o Quadro a seguir.

Figura 15 – Ficha de Ideias sobre roubo e violência familiar

<p>1. Eliana trocou a vida tranquila como professora de português e mãe de dois adolescentes por uma cela nesta delegacia.</p>	<p>2. A palavra só “triste” você não acha que é pouco, diante de uma tragédia dessas? Que você está pagando por um crime que você disse que você não cometeu.</p>
<p>4. Perdi a pessoa que eu achei que gostasse de mim, que eu amava, perdi meu marido, perdi tudo.</p>	<p>3. Como vai ser sua vida daqui pra frente?</p>

Fonte: Adaptado de Spink (2009)

Ideias:

1. Fenômeno centrado no indivíduo; 2. Julgamento; 3. Marginalizado; 4. Abandono.

Quadro 14 – Quadro de Ideias sobre roubo e violência familiar

	Ideia 1	Ideia 2	Ideia 3	Ideia 4
A) Identificação do Protótipo	Escolheu esse caminho.	Culpada.	Destruiu seu futuro.	Crime não compensa.
B) Inserção do protótipo	Violência como escolha (errada) do indivíduo.	Violência associada a intencionalidade. Se teve intenção,	Violência destrói as relações sociais	Violência como divisora social: só bons

		não sente culpa. Se não teve intenção, fica triste.	e marginaliza os seus atores.	merecem viver na sociedade.
C) Associação final	Qualquer um pode escolher o “caminho do bem”.	Bandido não tem sentimento.	Bandido não tem futuro.	Quem pratica crimes abandona a sociedade. E por isso é abandonado por ela.

Fonte: Adaptado de Spink (2009)

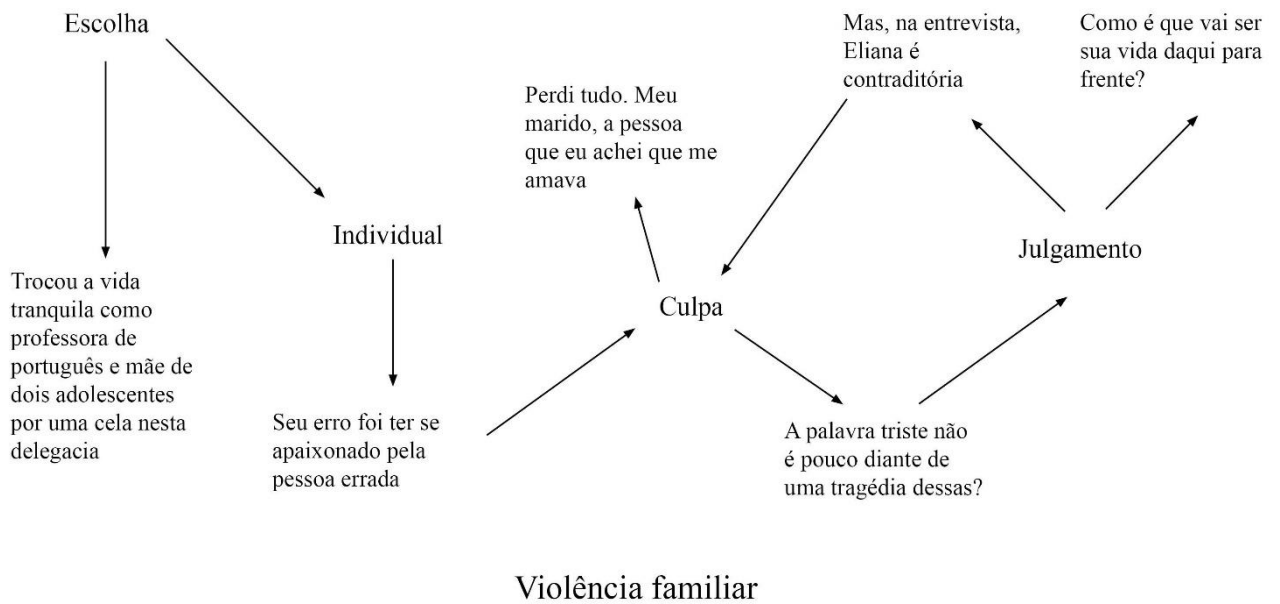
A primeira ideia mostra, logo de cara, a questão de gênero que está sendo representada na matéria. A menção de que a vida como mãe e professora era tranquila, diminui o papel desta mulher no âmbito familiar, remetendo à ideia de que a maior parte da renda daquela família era do marido, empresário que tinha um escritório em uma das regiões mais nobres de São Paulo.

Esta afirmação também está associada à ideia da escolha. Centralizando, mais uma vez a questão da violência no indivíduo e ignorando os fatores múltiplos e plurais que compõem este fenômeno.

O questionamento sobre os sentimentos da vítima (que se diz triste com o ocorrido e é julgada pelo repórter, que afirma que este sentimento é pouco frente à gravidade do crime) também levanta o debate sobre a questão de gênero.

Esta pergunta está associada a representação sentimental da mulher, largamente difundida na mídia, além de sugerir que a culpa da acusada é expressa por meio da “frieza” dela, desconsiderando a possibilidade de que o choque e o luto causam diferentes sentimentos em diferentes pessoas.

Figura 16 – Mapa de Representação de Ideias sobre roubo e violência familiar



Fonte: Adaptado de Spink (2009)

Neste contexto, a violência é representada a partir da ideia da escolha e a acusada é posta no lugar da mulher que decidiu “trocar a vida tranquila por uma cela”. Isto, de certa forma, mostra o caráter individual sob o qual a violência está ancorada. Além da ideia da culpa, da acusação e do julgamento, que indicam o caráter inquisitório da mídia e nos levam a pensar sobre o papel do repórter em coberturas como esta.

5.2.12 Violência Policial

Este é o tipo de violência mais apresentado na cobertura do Fantástico em 2015. Portanto, esta é a maior categoria deste trabalho, composta por dez conteúdos, sendo nove reportagens e um Estamos de Olho. A tabela abaixo exhibe as manchetes e o tempo de duração de um cada um deles.

Tabela 14 - Manchetes e duração das matérias sobre violência policial

Manchete	Duração (Minutos)
Estudante é morta em abordagem policial no RJ	02:45
RJ tem mais da metade das mortes de crianças em operações policiais	06:40
Cinco jovens são mortos por policiais que tentaram alterar a cena do crime no RJ	01:25
Escutas mostram grupo de PMs recebendo até galinhas como propina	16:14
PM suspeito de matar surfista também é acusado de torturar outro rapaz	05:14
Policial militar é acusado de execução após perseguição em SP	06:11
Zelador participa de blitz da PM e executa um homem no Maranhão	04:10
Chefe de quadrilha de traficantes é achado morto em cadeia do RN	02:07
Morte de PM pode ser a causa da chacina que matou 37 em Manaus	06:24
Testemunhas que escaparam de chacina em SP contam como foi ação	08:02

Fonte: Desenvolvido pela autora

A quantidade de conteúdos relacionados à violência policial na cobertura poderia indicar uma preocupação por parte do programa com esta temática. Porém, ao assistir cada um destes conteúdos, é possível notar que, na maior parte das vezes, as histórias são contadas da perspectiva da própria polícia (especialmente da Polícia Militar, PM), que é largamente representada como solução de todos os problemas.

Mesmo quando se trata do assassinato de uma jovem em uma perseguição policial feita sem nenhum motivo, as imagens da viatura (cedidas pela polícia do Rio de Janeiro) mostram a reação pacífica dos policiais, que assumem o erro e se desculpam pelo ocorrido.

Esta postura não é mantida, no entanto, quando a polícia que está sendo representada é a da Norte ou do Nordeste do País. Um exemplo disto está no maior conteúdo desta categoria, que é uma reportagem especial de dezesseis minutos dedicada à uma denúncia de abuso de poder de policiais do Rio Grande do Norte.

Outro aspecto importante diz respeito às chacinas que envolvem policiais. Estas matérias foram agrupadas a esta categoria porque citam o envolvimento direto ou indireto de agentes do Estado nestes crimes que, na maioria das vezes, são cometidos para “vingar” a morte de um policial em determinada região.

É importante ressaltar, no entanto que quando o assunto é a chacina que ocorreu em Manaus, no ano passado, o envolvimento de PMs é citado logo de cara, na manchete. Durante esta reportagem, um policial é entrevistado e a repórter é bem enfática ao perguntar sobre a veracidade desta hipótese. Porém, quando se trata da chacina que ocorreu em São Paulo, o envolvimento de policiais é citado de forma corriqueira e nenhum policial é entrevistado. As principais fontes da matéria são as pessoas que testemunharam o ocorrido.

O conteúdo analisado nesta categoria é um Estamos de Olho. Mais especificamente, uma suíte (uma matéria que é continuação de outra) que mostra um desdobramento da denúncia feita na reportagem especial, onde PMs recebiam diversos itens como propina. Este conteúdo trata da morte de um traficante envolvido no esquema de corrupção denunciado no Fantástico. O homem estava preso em uma penitenciária do Rio Grande do Norte.

É importante ressaltar que, apesar desta matéria fazer referência a outra reportagem exibida pelo programa na semana anterior, não há necessidade analisar o conteúdo ao qual ela está relacionada, já que a narrativa é construída partindo do pressuposto que há telespectadores que não assistiram a matéria previamente apresentada, e por isso é feita uma retrospectiva dos fatos.

Alguns aspectos evidentes na análise deste conteúdo indicam a construção da matéria, que trata de um tema importante e de um fato trágico, sob a ótica do entretenimento e do sensacionalismo. A seguir, discutiremos sobre as principais ideias apresentadas nesta reportagem.

Figura 17 – Ficha de Ideias sobre roubo violência policial

1. A viatura do mal.	2. Todo o tipo de irregularidade, de corrupção à tortura.
4. Joel, chefe da quadrilha de traficantes acusados de pagar propina aos PMs.	3. Com as cinco equipes que estamos conduzindo e tocando todas as mortes ocorridas aqui em Natal, temos dificuldades em apurar todos esses delitos.

Ideias:

1. Violência como fenômeno isolado; 2. Hierarquização da violência; 3. Naturalização; 4. Julgamento.

Quadro 15 – Quadro de Ideias sobre roubo violência policial no programa em 2015

	Ideia 1	Ideia 2	Ideia 3	Ideia 4
A) Identificação do Protótipo	Bem X Mal	Tortura é mais grave que corrupção.	Morrer no presídio é natural.	Chefe da quadrilha.
B) Inserção do protótipo	Violência é colocada numa perspectiva dualista.	Violência é hierarquizada a partir de uma lógica não explicada.	Violência nos presídios é naturalizada. O problema é a falta de equipe para contabilizar as mortes.	Joel é identificado, os PMs não.
C) Associação final	Problema está na viatura, não no sistema.	Alguns tipos de violência são “mais graves”.	Morrer e matar na cadeia é normal.	Bandido bom é bandido morto.

Fonte: Adaptado de Spink (2009)

O termo “viatura do mal” representa a violência de forma dualista, reforçando a ideia de que existem dois lados de uma mesma moeda, o “bem” e o “mal”. Esta perspectiva também desconsidera os aspectos múltiplos que compõem o fenômeno da violência do Brasil, onde há o envolvimento (por excesso ou por falta) de diversos atores.

Outro aspecto que chama atenção diz respeito a naturalização da violência nos presídios brasileiros, onde o principal problema apresentado não é a morte de um presidiário, mas a falta de equipe para investigar este tipo de ocorrido.

Considerações Finais

O objetivo deste estudo é entender de que forma a violência é representada na cobertura do Fantástico, em 2015. Esta pesquisa foi desenvolvida, então, visando identificar quais tipos de violência foram abordadas pelo programa no período proposto, entender de que forma as vítimas e os acusados são representados e identificar as principais ideias utilizadas a partir da Teoria de Representações Sociais proposta por Moscovici (2007).

Ao iniciarmos este estudo, nossa hipótese partia do pressuposto de que a mídia representa este fenômeno a partir de estereótipos e simbologias que acabam reduzindo-o à esta lógica do cotidiano, na medida em que não contextualizam os acontecimentos da maneira correta, e atuam no sentido de compor um imaginário social sobre a violência que, nem sempre, condiz com a realidade.

A análise de período de 1 (um) ano de cobertura jornalística do programa, entre 4/1/2015 e 27/12/2015 resultaram em 56 matérias relacionadas à temática da violência. Julho foi o mês do ano em que foram exibidos mais conteúdos relacionados ao fenômeno, e a maior parte dos acontecimentos se passaram na região sudeste do País, mais especificamente nos estados do Rio de Janeiro e de São Paulo.

Deste total, chegamos a doze categorias de análise, que nos mostraram a predominância da cobertura de fatos relacionados à **violência policial**. Porém, este quantitativo não indica, necessariamente, uma cobertura mais abrangente deste tipo de violência, pois a análise desta categoria nos mostrou que, na maior parte das vezes, o Fantástico apresenta os fatos do **ponto de vista da polícia**, o que evidencia a postura do programa, que assume o policiamento como o melhor caminho para o “combate à violência”.

Além disso, é perceptível a diferenciação feita pelo veículo nos conteúdos que abordam casos de violência policial que aconteceram no Sudeste e que aconteceram em outros lugares do País. A **postura inquisitória dos repórteres** é muito mais evidente quando os fatos ocorreram fora do famoso “eixo Rio-São Paulo”.

Outra categoria que se destaca em termos quantitativos diz respeito à questão dos roubos e assaltos. Porém, mais uma vez as representações são centradas no Sudeste do País, e está presente também a ideia do **bandido** contra a polícia, colocando mais uma vez o policiamento como única solução e melhor caminho para lidar com este fenômeno.

Há também aspectos relacionados à **questão de gênero** que são bem latentes na cobertura do Fantástico. A análise sistemática mostrou que o tratamento das vítimas e dos

acusados é feito de maneira diferente, de acordo com gênero deste. Outro aspecto que chama atenção diz respeito às **classes sociais** dos personagens dos conteúdos analisados. Em geral, os repórteres entrevistaram e ouviram as vítimas de classes mais elevadas, ignorando e suprimindo o ponto de vista dos mais pobres.

Na categoria que trata sobre favela, por exemplo, nota-se que os conteúdos apresentados têm curta duração, tratando de temas complexos em poucos minutos. A matéria analisada sobre este assunto representa o assassinato de um homem que saía para trabalhar e foi atingido por um tiro disparado pela polícia. Porém, a família da vítima e as testemunhas do fato não são ouvidas. É importante mencionar também que a cobertura relacionada às favelas feitas pelo Fantástico em 2015 está estritamente relacionada ao **Rio de Janeiro**, não havendo, assim, nenhum conteúdo que trate das comunidades de outros estados.

Outro aspecto relevante diz respeito à escolha dos **gêneros jornalísticos** e a **duração dos conteúdos analisados**. A categoria de violência policial, por exemplo, é a que mais apresenta conteúdos de longa duração e conta com diversas reportagens, inclusive uma reportagem sobre um caso de corrupção de policiais no norte do País.

Em relação ao gênero jornalístico, as categorias sobre álcool e direção, latrocínio e arrastão também se destacam, no que diz respeito ao número de conteúdos. Enquanto a categoria sobre violência conta a mulher com muitas entrevistas, o que mostra um interesse do Fantástico em ouvir atores destes fatos. Porém, o ponto de vista apresentado, em geral não é o das vítimas, e sim o dos **agressores**.

Neste sentido, os conteúdos que tratam sobre a temática da violência contra mulher ou **feminicídio** também são carentes de contextualização e não problematizam sobre as especificidades desta violência em si.

As Fichas e os Mapas de Associação das ideias mostraram que a cobertura da violência feita pelo Fantástico, em 2015, está ancorada nas ideias de **culpa** (tanto do acusado, quanto a vítima), além de **naturalizarem a violência**, colocando-a como algo da ordem do natural, que é intrínseco da natureza humana e que não podemos mudar, representarem estes acontecimentos como algo que tem **causa em si mesmo**, reafirmando a ideia da violência como **fenômeno centrado no indivíduo**, desconsiderando os fatores múltiplos que compõem os diversos tipos de violência. Além de representar o **policciamento como a única solução** viável para estes fatos.

A composição deste trabalho, além de desafiante, nos mostrou que há uma necessidade latente de discutir sobre as representações da violência na mídia. Os jornalistas e os veículos precisam refletir sobre a lógica de composição destes conteúdos, que, no contexto do Fantástico,

de fato, reforçam estereótipos e podem ajudar a compor um cenário de violência que nem sempre condiz com a realidade.

Neste sentido, é importante ressaltar que a cobertura do Fantástico, que apesar de se dizer nacional, está muito focada, como afirmado acima, naquilo que acontece nos estados de São Paulo e do Rio de Janeiro. Muitos lugares do Brasil que apresentam altos índices de criminalidade, como o Distrito Federal, não foram sequer mencionados pelo programa no ano passado.

Outro aspecto relevante diz respeito ao papel do repórter que, no nosso ponto de vista também deve ser repensado na cobertura do Fantástico. Algumas matérias analisadas mostram a atuação incisiva do repórter Valmir Salaro, que acusa e constrange os acusados, reforçando as ideias de culpa e de julgamento destes.

Neste trabalho, não entramos nos pormenores que dizem respeito ao papel do repórter em coberturas de temas delicados e complexos, como a violência, mas consideramos que este aspecto pode ser objeto de estudo de outros trabalhos, a serem desenvolvidos no futuro.

Por fim, reiteramos a relevância dos veículos de Comunicação se preocuparem em apresentarem **padrões de cobertura que não violem os direitos humanos**, incorporando até mesmo algumas práticas de jornalismo público.

Para tal, é preciso basear estas coberturas nos princípios éticos e morais propostos por órgãos internacionais, como ANDI, ONU e UNESCO, que consideram a importância de conhecer as comunidades sobre as quais os conteúdos jornalísticos dizem respeito, promovendo o debate sobre a violência e sobre os direitos humanos. Além de atuar como um **espaço de denúncia** a respeito das injustiças e desigualdades vigentes.

Referências Bibliográficas

ANDI, Agência de Notícias dos Direitos da Infância; **BRASIL**, Secretaria Especial dos Direitos Humanos; **UNESCO**, Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. Mídia & Direitos Humanos. Brasília: 2006.

BRASIL, Presidência da República; Secretaria de Comunicação Social. Pesquisa brasileira de mídia 2015: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira. Brasília: Secom, 2014.

BRASIL, Secretaria-Geral da Presidência da República; Secretaria Nacional de Juventude; Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. Mapa da Violência: Mortes Matadas por Arma de Fogo. Brasília: Secom, 2015.

DUARTE, Elizabeth Bastos. Televisão: desafios teóricos-metodológicos. In: BRAGA, J.; LOPES, M.; MARTINO, L. (Org.) Pesquisa empírica em comunicação. São Paulo: Paulis, 2010, p.226-248.

FELTRIN, Ricardo. Em queda livre no IBOPE, Fantástico deve sofrer reforma. São Paulo, Folha de São Paulo, 2014. Disponível em: <http://migre.me/rVquj>

FRANCISCATO, Carlos Eduardo; **GÓES**, José Cristian. Contribuições da teoria do enquadramento para compreender o sensacionalismo no jornalismo. Rio Grande do Sul: Revista Interamericana de Comunicação Midiática, vol.11, n.22, 2012, p. 291-310.

GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 2010.

GLOBO, Organizações. Memória Globo. Globo.com, 2016. Disponível em: <http://migre.me/u5BtA>

GLOBO, Organizações. Fantástico. Globo.com, 2016. Disponível em: <http://migre.me/u5Buj>

GOMES, Luana Santana. Fantástico – o show da vida: Gênero e modo de endereçamento em programas televisivos. Bahia, 2006.

KOGUT, Patrícia. Com cobertura dos atentados em Paris, 'Fantástico' registra 21 pontos no Rio e em São Paulo. Rio de Janeiro, O Globo, 2015. Disponível em: <http://migre.me/scsP6>

LIMA, Venício A, de. Os Mídia o e Cenário de Representação da Política. Brasília: 1996.

LOPES, M. Reflexividade e relacionismo como questões epistemológicas na pesquisa empírica em comunicação. In: BRAGA, J.; LOPES, M.; MARTINO, L. (Org.) Pesquisa empírica em comunicação. São Paulo: Paulis, 2010, p.27-49

MOSCOVICI, Serge. Representações Sociais: investigações em psicologia social. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

ONU MULHERES, Entidade das Nações Unidas para a Igualdade de Gênero e o Empoderamento das Mulheres; **OPAS**, Organização Pan-Americana da Saúde; **OMS**,

Organização Mundial da Saúde; **BRASIL**, Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres; **FLACSO**, Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais. Mapa da Violência 2015: Homicídio de mulheres no Brasil. Brasília, 2014.

PATERNOSTRO, Vera Ísis. O texto da TV: manual de telejornalismo. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

PORTO, Maria Stella Grossi. Sociologia da Violência. Brasília: Verbana Editora, 2010.

ROCHA, Everardo; **AUCAR**, Bruna. Fantástico, o show da vida: televisão, convergência e consumo. Rio de Janeiro: Revista Alceu, v. 11, n.22, 2011, p. 43-60.

SANTANA, Rafael Gonzaga De Oliveira. Revista eletrônica televisiva: show da vida, da informação e do entretenimento. Rio de Janeiro, 2014

SPINK, Mary Jane P. Psicologia Social e Saúde: práticas, saberes e sentidos. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.